



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**IMPLICAÇÕES DA INDISCIPLINA NO CONTEXTO
ESCOLAR E AS CONCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A
ESCOLA**

ISABELA TEOBALDO

BRASÍLIA - DF, 2013



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**IMPLICAÇÕES DA INDISCIPLINA NO CONTEXTO
ESCOLAR E AS CONCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A
ESCOLA**

ISABELA TEOBALDO

BRASÍLIA - DF, 2013

ISABELA TEOBALDO

**IMPLICAÇÕES DA INDISCIPLINA NO CONTEXTO
ESCOLAR E AS CONCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A
ESCOLA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília – DF, 2013

ISABELA TEOBALDO

**IMPLICAÇÕES DA INDISCIPLINA NO CONTEXTO
ESCOLAR E AS CONCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A
ESCOLA**

Trabalho Final de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília – DF, 2013

Dedico este trabalho à minha família, meus amigos, professores e a todos aqueles que contribuíram para a conclusão de mais esta importante etapa da minha vida, me levando a reconhecer a importância do saber.

AGRADECIMENTOS

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

(Paulo Freire)

À Deus, em quem depus minha fé, meu amor e gratidão.

Ao meu pai, com seus sábios ensinamentos e valores, sempre me incentivando e me mostrando os melhores caminhos, acreditando em mim e se alegrando com minhas conquistas.

À minha mãe, que é meu porto seguro, minha melhor amiga e um anjo na minha vida, agradeço por ser sempre tão presente, pelo amor e carinho incondicionais.

À minha querida irmã Débora, que é minha companheira e amiga de todas as horas, e me apoiou desde o começo da minha graduação.

Ao meu irmão Caio, que sempre me incentivou e se preocupou comigo.

À minha querida madrinha Júlia, que é professora e por quem eu tenho um carinho e respeito enorme.

Às minhas primas, Alessandra e Fernanda, que me acompanharam nesses anos de graduação, se alegrando com cada conquista que realizei e por me apoiarem a continuar trilhando esse caminho.

Aos meus amigos, em especial meu melhor amigo Flávio Teixeira, que esteve ao meu lado, me incentivando e confiando no meu potencial, me confortando nas horas difíceis, é um irmão que escolhi para levar por toda a vida.

Aos meus queridos colegas da Faculdade de Educação, que dividiram comigo tantos momentos bons, de estudos e trabalhos, que me viram amadurecer e nutrir um amor sem tamanho pela Pedagogia.

Aos meus professores, tão atenciosos e pacientes, que contribuíram de forma bastante significativa para o meu aprendizado durante todos esses anos de graduação.

Aos professores desta banca examinadora, por quem eu tenho um carinho enorme, e dos quais eu nunca esquecerei.

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda um passo de dança, do medo, uma escada, do sonho, uma ponte, da procura, um encontro”.

(Fernando Pessoa)

TEOBALDO, Isabela. **Implicações da Indisciplina Escolar para o processo de ensino-aprendizagem**. Brasília – DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2013.

RESUMO

A indisciplina é um tema bastante discutido no dia-a-dia de muitos profissionais da educação em inúmeras escolas. São cada vez mais frequentes as queixas dos professores que não conseguem desenvolver as atividades previamente planejadas, prejudicando o processo de ensino-aprendizagem. Por isto, em um momento em que a indisciplina está se tornando um termo comum no ambiente escolar e nos meios de comunicação, é importante investigar suas implicações para o contexto escolar. O objetivo deste trabalho foi investigar as implicações da indisciplina escolar e as concepções dos alunos sobre a escola. Para tanto, foi feita uma pesquisa com abordagem qualitativa em uma escola pública do DF, localizada na Asa Norte, com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Os resultados obtidos sugerem que a concepção dos alunos sobre o ambiente escolar não condiz com a sua conduta em sala de aula. Apesar de os alunos terem boas concepções acerca da escola, eles ainda possuem comportamentos que vão de encontro com as regras estabelecidas pelos professores, prejudicando o processo educativo.

Palavras – chave: Indisciplina, Processo de ensino-aprendizagem, Escola.

TEOBALDO, Isabela. **Implicações da Indisciplina Escolar para o processo de ensino-aprendizagem.** Brasília – DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2013.

ABSTRACT

Indiscipline is a theme that is much discussed on the daily basis of many professionals of education in many schools. There are increasingly complaints from teachers who fail to develop previously planned activities, undermining the teaching-learning process. Therefore, at a time when Indiscipline is becoming a common term in the school environment and in the media, it is important to investigate its implications on the school context. The goal of this study was to investigate the implications of school's indiscipline and students' concepts about the school. For this, a survey was conducted with a qualitative approach in a public school in DF, located in Asa Norte, with students from the 4th year of elementary school. It was applied 65 questionnaires to two groups of 4th year, with open questions, where it was used the technique of free association of words, in order to verify the design of pupils on the school, and was carried out with a group of 4th year, seeking to investigate possible situations of indiscipline. The results suggest that the students' concept about the school environment is not consistent with their behavior in the classroom. Although the students have good ideas about school, they still go against the rules established by the teachers, harming the educational process.

Key words: Indiscipline, Teaching-Learning Process, School.

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	13
INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1 - INDISCIPLINA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	23
1.1 – Breve histórico, Teoria e Conceitos.....	23
1.2. Função Social da Escola	29
1.3- Indisciplina e o Processo Educativo	35
1.4 – Indisciplina e o Contexto Familiar	39
CAPÍTULO 2 – PERCURSO METODOLÓGICO	49
2.1 – Método	49
2.2 – Pesquisa Qualitativa	49
2.3 - Instrumentos	50
2.4 – Participantes.....	51
2.5 – Procedimento.....	51
2.6 - Caracterização da Turma.....	52
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS DA PESQUISA	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
APÊNDICE A – Questionário sobre a concepção dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental sobre a escola.....	67
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	678

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro de evocações dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental	55
---	----

APRESENTAÇÃO

Este Trabalho Final de Curso representa o aprofundamento de um tema que me chamou atenção quando iniciei minhas práticas escolares. Após esse primeiro contato, as experiências e disciplinas que cursei na Faculdade de Educação, atreladas a estudos, vieram a contribuir para uma releitura pessoal deste tema.

O trabalho está dividido em três partes. A primeira parte, *Memorial*, em que relato minha trajetória escolar e acadêmica, demonstrando os primeiros interesses sobre o tema.

A segunda parte, a *Monografia*, que trata das implicações da indisciplina no contexto escolar. Esta é composta de três capítulos. O primeiro capítulo é a apresentação da indisciplina e suas implicações para a educação, o que auxilia na compreensão do comportamento dos alunos e suas concepções sobre escola. No segundo capítulo, introduz o percurso metodológico que orientou a pesquisa.

A metodologia utilizada para a realização dos objetivos propostos junto com a caracterização dos participantes é descrita neste segundo capítulo. No terceiro capítulo, consta a análise dos resultados obtidos, pautado na técnica da associação livre de palavras.

O terceiro capítulo apresenta as considerações finais do trabalho, os resultados da pesquisa e a discussão com outros estudos apresentados nos capítulos anteriores.

A terceira e última parte, um olhar sobre as *Perspectivas Profissionais*, que pretendo desenvolver após a conclusão do curso.

MEMORIAL

Eu gostaria de começar este memorial citando as duas pessoas mais importantes da minha vida, e uma das maiores razões por eu ter chegado aonde cheguei: meu pai e minha mãe. Minha mãe nasceu em Campo Belo – MG, e meu pai nasceu em Formosa – GO. Ambos vieram para Brasília, ainda pequenos. Se conheceram na Candangolândia e pertenciam ao mesmo grupo de amigos. Com o tempo, os dois se apaixonaram e começaram um relacionamento que resultou em um casamento muito abençoado, que dura até hoje, completando trinta e quatro anos.

Foi com eles que aprendi valores que levarei para sempre. Valores que se perderam hoje: Respeitar e amar os outros, valorizar os meus professores, não gritar com ninguém e ser sempre educada com os mais velhos, em qualquer situação. Saber admirar e valorizar a pessoa que eu sou, ser forte diante das dificuldades, nunca abaixar a cabeça, não deixar ninguém me tratar mal, e lembrar que só por meio da educação seremos pessoas melhores. Meus pais calaram muitos choros meus, enxugaram muitas lágrimas que derramei em momentos onde eu pensava estar sozinha. Serei eternamente grata a eles por estarem sempre ao meu lado.

Sou oriunda de Brasília, e filha adotiva. Minha mãe biológica é natural da Paraíba, porém, desconheço o histórico do meu pai biológico. Nunca os conheci. Nasci com alguns problemas de saúde, e permaneci com a minha mãe biológica até os três meses de vida, bem como meus outros quatro irmãos. Durante esse tempo, ela saía para passear com as amigas e me deixava o dia todo em uma creche, da qual ela trabalhava como voluntária, até ser demitida pela dona da creche, por motivos que eu desconheço. Meus pais adotivos, após dez anos tentando ter um filho, tiveram meu primeiro irmão, e eles também ajudavam essa mesma creche em que eu estava.

Em Dezembro de 1989, durante uma confraternização de fim de ano, organizada pelo Banco do Brasil, meus pais adotivos e meu irmão me viram no berçário dessa creche e, segundo meu pai, meu irmão, com seus três anos de idade, se apaixonou por mim! Meus pais ficaram muito abalados com meu estado de saúde, e decidiram conversar com minha mãe biológica sobre a possibilidade de me adotar. Foi então que eles conseguiram se organizar com todo o processo de adoção, e me levaram para casa.

Segundo meus pais, eu estava sempre com um olhar assustado, e muito doente. Meu pai dormia todas as noites comigo, com medo de que alguma coisa pudesse acontecer, e muitas vezes não conseguia dormir, preocupado. Um ano depois, nasceu minha irmã. Não posso dizer que sempre fui uma filha exemplar, dei muito trabalho, desde pequena. Aprontava demais e não tinha medo de absolutamente nada. Nas palavras de meu pai, “a Isabela gosta de viver perigosamente”.

Sempre fui muito independente, gostava de fazer tudo sozinha, sem ajuda de ninguém. Entrei na escola com três anos, na escola Pedacinho do Céu. Meus irmãos e eu sempre estudamos nas mesmas escolas. Algumas vezes, meu irmão me defendia dos meninos mais velhos da escola, que implicavam comigo. Fiz o jardim de infância I, II e III na escola JK, localizada no Guará. Lembro-me de um episódio em que fui até a sala da minha diretora pedir para ela que eu a ajudasse nos seus afazeres, tentando convencê-la que eu poderia ser útil na sala dela. Meu pai tinha que me buscar toda semana na sala dela, por causa disso.

Fiz boa parte do meu Ensino Fundamental em uma escola muito religiosa, chamada Santa Rosa. Foi um período em que eu estava começando a me comportar inadequadamente. Só queria saber de brincar e fazer bagunça na sala de aula. Certa vez, eu e minhas amigas pegamos rolos de papel crepom vermelho para pintar o cabelo no banheiro. Sujamos o banheiro inteiro, nosso uniforme e nossas mãos ficaram tingidas de vermelho que não saía por nada! Conclusão, fomos para a direção, nossos pais foram avisados e levei um bronca chegando em casa. Meu cabelo ainda ficou um bom tempo com manchas horríveis daquele tom vermelho. No meu primeiro ano do Ensino Fundamental, meus colegas de sala notaram que eu era muito diferente dos meus irmãos, fisicamente. Meus irmãos são brancos e loiros, e eu tenho a pele morena e cabelos castanhos. Expliquei que eu havia sido adotada, e eles ficaram com pena de mim, e no outro dia levaram muitos presentes como forma de representar toda a dor que eles estavam sentindo pela minha triste situação, ironicamente dizendo. Chegando em casa, com todos aqueles presentes, minha mãe, muito revoltada, foi até a escola conversar com a diretora e pediu que ela conversasse com a minha turma sobre o verdadeiro significado que existe por trás da adoção, que é um ato de amor. Nunca tive

problemas com isso, pelo contrário, sempre que me perguntavam eu respondia alegremente que era filha adotiva.

Na escola, eu costumava ser a menina mais alta da turma, e ficava muito chateada de ter que ocupar o último lugar da fila. Eu achava um absurdo essa história de fazer fila por ordem de tamanho! Logo, era sempre apelidada de “Girafa” pelos meus colegas. Na escola, fazia amizades com facilidade, meu único problema era a Matemática. Tive muita dificuldade nesta disciplina, durante toda a minha vida escolar. Alguns traumas que tive com professoras também me fizeram criar um certo bloqueio com a Matemática. Eu via que alguns colegas aprendiam com facilidade, e eu acabava ficando sempre para trás. Uma vez, no meu terceiro ano do Ensino Fundamental, fui tirar uma dúvida com uma professora e ela me respondeu exatamente assim: “Esse conteúdo é muito fácil, não vou te explicar não”. Meus colegas começaram a rir, e depois desse dia, peguei aversão à essa matéria. Fora isso, sempre fui uma criança alegre e comunicativa.

Em 2003, minhas duas avós morreram. Foi um momento muito triste para minha família, e eu sofri muito, pois minha avó por parte de mãe era tudo pra mim. Com certeza, está com Papai do Céu, olhando por mim e orgulhosa de muitas coisas que conquistei. Passei pelo Ensino Fundamental sem mais problemas, sempre me dei muito bem com meus colegas e professores, não era uma menina tímida ou fechada. Pelo contrário, me comunicava bem, o que me ajudou a ler e escrever muito bem. Gostava de ler gibis quando criança, todo fim de semana meus pais compravam pelo menos cinco gibis, dos quais eu lia em uma hora. Tinha várias caixas cheias de livros de histórias. Enquanto minhas colegas gostavam de brincar de boneca, eu gostava de escrever, desenhar e brincar de “escolinha”.

Aos quinze anos, me apaixonei pela língua inglesa. Comecei a traduzir todas as músicas que eu ouvia. Comprava os cd’s das bandas americanas que eu gostava, pegava o encarte com as letras das músicas, o dicionário inglês-português, e escrevia. Fazia isso quase todos os dias. Comecei um curso de Inglês e terminei em cinco anos. Tenho muita facilidade em Inglês e ajudava meus irmãos quando eles precisavam de ajuda nessa matéria. Sempre ia muito bem nas provas por isso. No meu nono ano do Ensino Fundamental, fui para outra escola. Nessa escola, fiz algumas amizades que levei por

muitos anos, e também tive alguns problemas. Era uma escola em que eu já tinha algumas colegas que engravidaram, com seus quinze anos, os meninos já fumavam, os professores não estavam nem aí pra gente, e eu, sinceramente, não sei como consegui passar de ano com tantas notas baixas em Matemática e Física, sem fazer nenhuma recuperação. Na época dos jogos internos, briguei com várias meninas de uma outra turma, fomos encaminhadas para a direção. Eu nunca fui de brigar, só não levava desaforo para casa, e se levasse, chegando em casa levaria uma bronca enorme dos meus pais. Meus pais ficaram revoltados com aquela situação e me mudaram de escola. À essa altura, meu irmão, três anos mais velho, já havia passado no Vestibular no meio do terceiro ano para Engenharia Florestal na Universidade de Brasília. Daí em diante, passei a perceber que estava crescendo, e em três anos eu deveria decidir meu futuro.

Graças às experiências que tive, boas e ruins, parte de mim amadureceu, evoluiu. Mas costumo dizer que ainda existe uma criança que vive dentro de mim, uma criança teimosa, impaciente, sonhadora, delicada, medrosa, de um espírito aventureiro incomparável, cheia de vida e com pressa de ser feliz. No Ensino Médio, as coisas ficaram um pouco mais difíceis. Era hora de fazer aqueles sacrifícios... Adorava entrar na internet para conversar com meus amigos, sair fim de semana e ficar fora o dia inteiro, “batendo perna”. Hora de se concentrar, Isabela! Primeira etapa do PAS, mais responsabilidades, mais cobranças da escola e da família. Ok, eu consigo! Ah, quem dera fosse fácil assim.

Passei por muitos momentos difíceis, entrei em crise várias vezes, aquela fase da rebeldia, onde você quer ser dono do próprio nariz. Minha melhor amiga hoje, era minha melhor amiga também no Ensino Médio, e não nos desgrudávamos hora alguma. Saíamos juntas, almoçávamos juntas quase todos os dias, e estudávamos na casa uma da outra durante a semana. Eu e meus amigos vivíamos trocando bilhetinhos dentro de sala, falávamos da roupa dos professores, do quanto aquela aula era chata, de quanto tempo faltava para o intervalo e o que faríamos quando saíssemos de lá. Meu melhor amigo, que também me acompanhou durante o Ensino Médio, era a pessoa com quem eu confiava tudo sobre a minha vida. Foram muitas horas de estudo, e ele me ajudava muito em Matemática, Química e Física.

Terminei os três anos do Ensino Médio fazendo recuperação, mas estudava bastante e conseguia ser aprovada. Não me orgulho disso, mas como tinha muita dificuldade na área de exatas, sabia que sempre ficaria de recuperação ao final do ano, por mais que eu me esforçasse durante todo o ano. Os professores eram muito compreensíveis e me ajudavam muito, e como eu sempre fui uma boa aluna, dedicada, eles entendiam a situação.

No meu último ano do Ensino Médio, já havia decidido que iria prestar o curso de Pedagogia, tendo em vista meu forte interesse pela Educação. Sempre admirei meus professores, e estudei em uma escola privada de referência. Como sabemos que o professor não é o único responsável pelo nosso sucesso escolar, eu também fazia minha parte, e procurava fazer bem feita! Muitos dos meus colegas que me acompanharam durante os três anos do Ensino Médio levaram a escola na brincadeira, alguns reprovaram, outros se envolveram constantemente em algum conflito, seja com algum outro colega ou com os professores. Eu, particularmente, sempre reprimia esse comportamento dos meus colegas, sabia do esforço do professor lá na frente, tentando dar a sua aula, e todo mundo conversando e atrapalhando.

Gostaria de citar um professor que tive no final do Ensino Médio, de Matemática. Graças à sua didática, sua paciência e carinho com todos nós, a Matemática se tornou para mim muito divertida. Passei a gostar e ir bem nas provas, ganhei mais segurança. Pode-se notar aqui, a importância de uma boa relação entre aluno e professor, o que torna o processo de aprendizagem muito mais agradável. O professor entende e aceita suas limitações, e te mostra os caminhos para se alcançar os objetivos, te estimulando e te encorajando a ir mais longe. E você se sente mais confiante, se empenhando para conseguir aquilo.

Agradeço enormemente a todos os meus professores que foram como pais. Existe uma linha tênue entre o autoritarismo e impor limites ao aluno. Punir nunca pode ser a primeira opção. O processo de disciplina começa com o diálogo. Só assim podemos construir relações mais saudáveis e fazer o aluno refletir sobre suas atitudes em sala de aula. Ingressei na Universidade de Brasília, na Faculdade de Educação, no 2º semestre de 2008, através do Vestibular Tradicional. Na época, eu estava perto de completar meus dezenove anos. Fiz um semestre de cursinho, que foi muito bom para

mim, fiz muitos amigos, estudava muito e parei de sair aos fins de semana para me dedicar aos estudos. Sem sombras de dúvidas, aquela aprovação foi apenas o começo da minha longa e eterna jornada como professora. E, dentro de mim, eu sabia que não poderia fazer da minha vida acadêmica algo mediano, eu deveria fazer a diferença, pensar grande, sonhar, realizar! Foi pensando nisso que, durante todo o tempo em que estive nesta Faculdade de Educação, me empenhei para dar o meu melhor, participei de diversos eventos educacionais, seminários, congressos, projeto de iniciação científica, trabalhei como professora particular, auxiliar de classe, sempre me dedicando à árdua tarefa de cuidar e ensinar.

Ao longo do curso, minha paixão pela educação só aumentou, bem como meu amor e carinho pelas crianças que conheci. Compreendi a importância da educação, e pude compartilhar do meu sentimento com muitos professores da Faculdade de Educação, e grandes teóricos, que lutaram por uma educação melhor. Tenho a sensação de que muitas pessoas que estão cursando o curso de Pedagogia, tanto na Universidade de Brasília quanto em outras instituições, não gostam do curso, no fundo não querem isso para suas vidas, mas por ser um curso mais “fácil” de passar, acabam ficando. Esses são os futuros profissionais da educação? Não poderia deixar de citar Paulo Freire, que sempre me influenciou muito com seu sonho de uma sociedade mais democrática, e uma educação que possibilitasse ao homem uma discussão corajosa de sua problemática, de sua inserção nesta problemática, que o colocasse em diálogo constante com o outro. É no diálogo que se constrói a verdadeira democracia, e a luta de Paulo Freire como movimento organizado crítico de transformação da realidade, pela reivindicação da justiça social, pela produção da existência humana digna, fraterna e feliz, foi fundamental nesse processo.

Senti-me cada vez mais estimulada quando pensava na atual situação da educação brasileira, e após vivenciar o dia-a-dia dos alunos de algumas escolas públicas e privadas nas quais trabalhei. Conheci professores empenhados em dar o seu melhor, que suam a camisa para levar educação e valores para seus alunos, muitas vezes assumindo papel de pai e mãe. Também conheci professores que não acreditavam em sua própria prática, não tinham aquilo que é essencial: amor, paciência, fé. Conheci crianças maravilhosas, com um nível de carência afetiva muito grande, com um brilho

no olhar, com desejo de aprender, mas que, por diversas razões, às vezes não conseguem. Trabalhei durante um ano e meio em uma escola particular na Asa Sul, na Educação Infantil, com crianças de dois anos. Estar com eles era uma terapia para mim. Era a melhor parte do meu dia. Chorei muito no dia em que precisei sair de lá. Ver uma criança crescer, vê-la sorrir para você, se desenvolver, aprender palavras novas, cumprir com os combinados, não machucar nem maltratar os amigos, respeitar as pessoas, é muito melhor do que qualquer outra coisa no mundo.

Para mim, foi extremamente enriquecedor chegar ao final desse curso, olhar para trás e ver todas as experiências maravilhosas que tive, dentro e fora de sala de aula, e poder levar todo o meu amor para tantas crianças, de realidades e necessidades tão diversas. Tenho certeza que, nesse processo, eu aprendi muito mais do que ensinei. Sei da dificuldade que existe nessa área de atuação, e o quanto os professores ainda são desvalorizados. A geração que temos hoje está tão alienada, tem sido tão influenciada pelos meios de comunicação, como televisão, internet, celular, que os educadores têm encontrado muita dificuldade em competir com essas tecnologias em sala de aula. Os pais, às vezes muito ausentes, acabam deixando toda a tarefa de ensinar para os professores. Mas se esquecem que a educação começa em casa. Os filhos, com falta de limites em casa, vão para a escola sem compreender a importância de estarem ali, e o que vemos hoje são crianças desrespeitando os professores de todas as formas possíveis.

Foi pensando na questão da indisciplina escolar que comecei a me sentir motivada a tratar deste tema em minha monografia. Acredito que realidade dos alunos deve ser levada em consideração dentro de sala de aula, e o professor deve estar atento a essas questões, procurando entender os fatores que estão envolvidos na conduta de seus alunos. Toda criança precisa de limites, de disciplina, organização, porque sem isso, com certeza a qualidade do ensino cairá muito, não importa o quanto o professor se esforce.

INTRODUÇÃO

A questão da indisciplina escolar não é um assunto novo, porém, muitos profissionais ainda encontram dificuldades em lidar com esse fator em sua sala de aula. Nérice, em 1969, se preocupou com essa problemática e descreveu a postura de alguns professores em sala de aula frente à indisciplina de seus alunos:

Há professores que não tomam conhecimento do problema e, sob qualquer “clima disciplinar”, vão “dando sua aula”... para as moscas... Outros há, porém, que tomam o caso da indisciplina tão a sério, que até moscas esvoaçando se percebem em classe... (Nérice, 1969)

O autor exemplifica de forma clara a conduta de alunos e professores em sala de aula nos dias de hoje. A indisciplina é um assunto que precisa ser tratado com mais seriedade nas escolas, pois tem sido motivo de esgotamento físico e mental de muitos docentes, e vem afetando negativamente o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

São vários os fatores que contribuem para o desencadeamento da indisciplina escolar, e é muito importante que se compreenda o que leva o aluno a se comportar de forma inadequada no ambiente escolar para que se possa refletir sobre as possíveis formas de intervenção, e buscar soluções para minimizar esse problema que tem sido uma das maiores preocupações da equipe pedagógica.

Também é preciso lembrar que o aluno nem sempre é o único e exclusivo responsável pelo fator de indisciplina. Nesse caso, ela passa a ser entendida como uma discrepância entre os anseios da comunidade escolar no que se refere ao desenvolvimento global dos alunos e às posturas assumidas por estes diante da aprendizagem, ela deixa de ser vista como simples problema de comportamento discente. (BARBOSA, 2012).

Segundo essa mesma autora, em meados do século XVI, com a chegada dos missionários ao Brasil, houve uma preocupação com a questão da disciplina, pautada na vigilância constante e na utilização de métodos para a contenção dos comportamentos discentes. Dentre estes métodos estavam: aplicação de punições físicas, legitimadas e regulamentadas de acordo com a idade do estudante e a gravidade do ato praticado.

A disciplina precisa ser entendida como promotora da autonomia e da liberdade dos alunos, e os castigos corporais não devem servir para a correção dos desvios de conduta. O que se espera é um ambiente escolar mais democrático, onde os direitos dos alunos sejam contemplados, e as regras da instituição se façam cumprir. O mais importante é entender que o diálogo ainda é o melhor caminho para se alcançar a tão sonhada democracia.

A disciplina consiste em um dispositivo e em um conjunto de regras de conduta destinadas a garantir diferentes atividades em um lugar de ensino. A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm conseqüências. Quem olha para a disciplina como algo negativo não entende o que é. Ser disciplinado não é obedecer cegamente; é colocar a si próprio regras de conduta em função de valores e objetivos que se quer alcançar. (PARRAT- DAYAN, 2008, p.8)

Através de minhas experiências escolares, pude perceber que alguns professores, sem dar a devida importância ao comportamento do aluno, que pode ser consequência de fatores emocionais ou familiares, chegam a um diagnóstico errôneo daquele aluno, concluindo que se trata de hiperatividade e déficit de atenção, ou seja, devido um modismo, que cada vez mais encontra espaço nos meios de comunicação, os professores saem atribuindo o rótulo de hiperativo para os alunos que se comportam de forma oposta ao que eles idealizam, e nem sempre é o que acontece.

Muitos alunos não compreendem que seu comportamento indisciplinado em sala de aula afeta todo o seu processo educativo e, por vezes, o dos colegas, causando um estresse no professor que tenta, em muitas ocasiões, ministrar sua aula. Os vínculos afetivos entre ambos também são comprometidos, e é uma das queixas mais freqüentes dos docentes no ambiente escolar.

É fundamental considerar a complexidade da indisciplina se desejamos avançar a qualidade das relações e a aprendizagem em sala de aula. É preciso direcionar novas discussões, diferentes olhares, novas formas de leitura e compreensão, bem como reconhecer as transformações sociais de nossa época e o clima de mudança que também está presente dentro das escolas, reconhecendo que os eventos de indisciplina estão

relacionados a diferentes causas, sentidos e implicações, que precisam ser melhor estudados (GARCIA, 2012).

As questões que nortearam a presente pesquisa foram: Quais as concepções dos alunos sobre a escola? Quais as possíveis implicações da indisciplina no contexto da sala de aula?

Em razão disso, **essa pesquisa pretende investigar as implicações da indisciplina escolar e as concepções dos alunos sobre a escola.**

Para alcançar os objetivos, foi feita uma pesquisa com abordagem qualitativa em uma escola pública do DF, localizada na Asa Norte. A pesquisa foi realizada por meio de observações para analisar possíveis situações de indisciplina, e entender suas implicações no contexto escolar. Também foi utilizado um instrumento de evocação com seis respostas para seguinte frase: “Para mim a ESCOLA é...” em que os alunos do 4º ano efetuaram livres associações a respeito de escola e posteriormente sinalizaram dentre as seis respostas, as três mais importantes. A coleta de dados foi analisada por meio do software EVOC (Ensemble de programmes permettant l’analyse des evocations) – versão 2003, desenvolvido por Vergès, que possibilita a ordem de evocação e a frequência das respostas gerando assim uma organização hierárquica das respostas mais evocadas e sua posição dentre as demais.

Justifica-se investigar sobre este tema em razão da sua importância para a educação e para possibilitar a melhoria da qualidade do ensino. Para a construção de um ambiente escolar mais democrático, faz-se extremamente importante entender quais as concepções dos alunos sobre a escola, ter uma visão do espaço educativo através do olhar dos alunos, e tentar ao máximo compreender as reais causas da indisciplina, para então buscar formas de minimizar o problema, contribuindo, assim, para criar um ambiente favorável para que o aluno cresça e se desenvolva, fazendo com que a escola seja um lugar pacífico, criativo, promotor de desenvolvimento e menos conflituoso.

CAPÍTULO 1 - INDISCIPLINA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste primeiro capítulo, pretendeu-se conceituar o fenômeno da indisciplina escolar, situando seu contexto histórico e realizando um aprofundamento teórico sobre o assunto.

1.1 – Breve histórico, Teoria e Conceitos

O tema indisciplina escolar vem sendo bastante discutido pelos profissionais da educação. Diariamente, os educadores se aborrecem com o comportamento de seus alunos em sala de aula, perdem muito tempo chamando a sua atenção, tentando controlar a agitação da turma. Tudo isso compromete o andamento das aulas, afetando de forma negativa o processo de ensino-aprendizagem.

Mas afinal, o que vem a ser indisciplina? De acordo com o dicionário Aurélio: (1986, p.938) “Procedimento, ato ou dito contrário á disciplina; desobediência; desordem; rebelião.” A palavra indisciplina está bastante ligada á disciplina, enquanto a primeira é entendida, pelo senso comum, como quebra de regras, desobediência, a segunda significa ordem, observância de preceitos ou normas.

Entende-se por indisciplina os comportamentos disruptivos graves que supõem uma disfunção da escola. Os comportamentos indisciplinados simplesmente obedecem a uma tentativa de impor a própria vontade sobre a do restante da comunidade. Se for um aluno, dizemos que é difícil, indisciplinado, diferente... Se for um professor, dizemos simplesmente que é autoritário. Também se entende por indisciplina as atitudes ou comportamentos que vão contra as regras estabelecidas, as normas do jogo, o código de conduta adotado pela escola para cumprir sua principal missão: educar e instruir. Então, muitas vezes, o problema consiste em que não existem tais normas, a escola funciona de acordo com um código não-escrito, conhecido somente por poucos, o qual não é divulgado entre os professores ou entre os alunos e as famílias que fazem parte dela. (Casamayor, 2002, p.22)

Segundo o autor, a indisciplina está muito relacionada com comportamentos inadequados que vão de encontro com as regras estabelecidas pela escola. É um

fenômeno que compromete a missão da escola, sendo esta de ensinar e instruir. Neste contexto, o aluno indisciplinado é aquele considerado difícil, diferente... E o professor é considerado como autoritário.

Segundo Wallon (1975, p.379) o que se busca é “obter a tranquilidade, o silêncio, a docilidade, a passividade das crianças de tal forma que não haja nada nelas e nem fora delas que as possa distrair dos exercícios passados pelo professor, nem fazer sombra á sua palavra”. Com a citação deste autor, percebe-se que a disciplina em sala de aula provoca nos alunos um comportamento passivo, em que eles não têm voz, o processo de ensino-aprendizagem não acontece de forma democrática.

De acordo com o exposto, La Taille (1996, p.9) analisa que

(...) crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os ‘limites’ implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo.

As regras e limites se fazem muito importantes na vida das crianças, e isso não pode ser visto como algo negativo, pelo contrário, a criança aprende a conviver em grupo, respeitando o espaço do outro e amadurecendo. Observando uma turma do 4º ano, de uma escola pública do DF, pode concluir que a disciplina garante um bom convívio social, mais atenção durante as aulas e melhora o desempenho escolar.

Vale considerar ainda que, por se tratar de uma criação cultural, o conceito de indisciplina não é estático, uniforme. Portanto não podemos esperar unanimidade quanto ao conceito, pois o mesmo estaria relacionado a diferentes valores e expectativas que variam conforme o contexto onde se insere. (GOLBA, 2009)

Para tratar de um assunto tão polêmico e complexo, é preciso voltar um pouco no tempo e compreender alguns aspectos históricos que foram fundamentais para modificar o comportamento tanto dos professores, como dos alunos no ambiente escolar, bem como a percepção destes sobre o fenômeno da indisciplina, que varia muito de acordo com o contexto histórico-cultural em que se apresenta, como já foi dito anteriormente.

A partir de um ponto de vista sócio-histórico, o autor Aquino (1996), aborda a indisciplina como o resultado da emergência do novo sujeito histórico, que luta pela democratização da sociedade brasileira. A democratização do ensino no Brasil veio acompanhada da deterioração das condições de ensino, de modo que as estratégias de exclusão se sofisticaram, não eliminando as características etilistas e militarizadas da escola de antigamente. Isso significa que, ainda que a indisciplina seja compreendida como sintoma de práticas socialmente estabelecidas, o novo sujeito que frequenta a escola depara-se com velhas formas institucionais cristalizadas.

Segundo Oliveira (2011), até o final do século XVIII aproximadamente, a prática pedagógica corrente era a de caráter tradicional, de transmissão do saber. Porém, com o tempo, começaram a surgir muitas críticas na Europa e Estados Unidos por parte de pedagogos de diversas tendências, que não concordavam com o caráter autoritário atribuído a essa corrente. As relações escolares eram permeadas por medo, coação, e submissão por parte dos alunos. A idéia era substituir a relação pedagógica de dominação do professor sobre o aluno, por uma relação de liberdade e cooperação.

Como conseqüência dessa mudança na relação aluno-professor, muda-se também a forma como se entende a indisciplina. Sem dúvidas, algo que contribuiu para um novo conceito desta palavra foi o movimento conhecido como “Escola Nova”, datado de 1932, e que exerceu grande influência nas mudanças promovidas no ensino, quando o Brasil estava passando por uma série de transformações sociais, políticas e econômicas. Este movimento defendia os princípios de uma educação democrática e a formação de um cidadão livre, responsável, que pudesse conquistar sua autonomia. A disciplina, neste contexto, passa a ser percebida não mais como um tipo de ordem ou subordinação, mas como autocontrole. Anísio Teixeira foi um dos principais signatários desse movimento, e acreditava que a escola deveria utilizar métodos que ensinassem o aluno a “aprender a aprender”, em um ambiente escolar mais democrático. (OLIVEIRA, 2011)

No final dos anos 60, surge uma nova corrente de pensamento que tinha como objetivo adequar o sistema educacional ao sistema político-econômico daquele período – regime militar- dando origem á “Pedagogia Tecnicista”. Nessa corrente pedagógica,

as relações aluno-professor são estruturadas e objetivas, com papéis bem definidos. (OLIVEIRA, 2011, p. 40)

Seguindo a lógica dessa tendência, o professor transmite a matéria e o aluno recebe, aprende e fixa as informações. Ambos são passivos frente ao conhecimento. Aqui, a indisciplina é totalmente inaceitável. O aluno obedece sem contestar, mantendo a ordem e o silêncio. Percebe-se nessa corrente, que não há uma preocupação com a relação afetiva entre o aluno e o professor, a comunicação é estritamente técnica.

Podemos perceber que esse tipo de prática pedagógica é ainda muito presente nas escolas. Em minhas experiências, realizando estágio em escolas públicas e particulares, pude notar que o que se espera do aluno dentro da sala de aula é o absoluto silêncio, e sua atenção totalmente voltada para o professor. Nesse momento, vale ressaltar a importância do diálogo, em construir uma relação entre professor e aluno que seja saudável e harmoniosa. É primordial que o professor tenha uma escuta sensível, e realmente se coloque no lugar do aluno, conheça sua história de vida, suas dificuldades, medos, traumas. Quando o professor tem essa sensibilidade, seu trabalho fica muito melhor, e sua relação com o aluno ganha um novo sentido.

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1970), levanta uma questão importante, em que se entende o diálogo como parte essencial da relação entre educador e educando: “Em verdade, não seria possível a educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando do educador, mas educador-educando com educando-educador.” (FREIRE, 1970, p.39)

Em oposição à Pedagogia Tecnicista, cresce o movimento a favor da “Pedagogia Progressista”, que tem um caráter transformador – A disciplina surge de uma tomada de consciência dos limites da vida grupal; assim, aluno disciplinado é aquele que é solidário, participante, respeitador das regras do grupo, participante. Para se garantir uma clima harmonioso dentro da sala de aula é indispensável um relacionamento positivo entre professores e alunos, uma forma de instaurar a “vivência democrática” tal qual deve ser a vida em sociedade. (LIBÂNEO, 1986, p. 26)

Temos, ainda nos princípios Progressistas, a tendência Crítico-Social dos Conteúdos – Valorização da escola como instrumento de apropriação do saber, pois contribui para torná-la democrática. Os conteúdos transmitidos estão vinculados à realidade dos alunos, e a aula é uma constatação da realidade social. O professor é um mediador do conhecimento, e o aluno participa ativamente desse processo. O processo de ensino deve ser pautado na concepção dialética de construção do conhecimento – prática- teoria- prática. (LIBÂNEO, 1986)

Com o advento dessas tendências pedagógicas, muitos educadores passaram a ter uma outra concepção acerca do comportamento de seus alunos. A relação aluno-professor foi se modificando, ao mesmo tempo que houve a apropriação de novas práticas pedagógicas em que o aluno tivesse a oportunidade de assumir uma postura mais livre em sala de aula, expressando sua opinião e desejos.

Um acontecimento que também gerou uma mudança na prática pedagógica, nos anos 70, segundo Oliveira (2011), foi a democratização da escola pública. A escola passou a incluir um número maior de crianças oriundas das camadas populares, muitas destas, criadas em um meio violento, desequilibrado, de verdadeira luta pela sobrevivência.

Essa transformação fez com que os educadores repensassem sua prática, sua metodologia de ensino, sua postura em sala de aula, bem como rever o conceito de indisciplina nesse contexto. O que as abordagens pedagógicas pretendiam era o fim do autoritarismo e da submissão, levando o aluno a pensar criticamente, com mais liberdade, em prol de uma educação que valorizasse seus interesses e opiniões. Isso fez com que muitos professores deixassem seus alunos muito a vontade em sala de aula, para fazer o que quisessem, o que acaba gerando uma indisciplina.

O que angustia, é ver que justamente o tipo de professor que se desejaria ter – aberto, crítico, consciente, com uma postura pedagógica significativa -, na tentativa de não reproduzir a prática tradicional autoritária, mas não tendo clareza de sua nova postura, se perde no meio do caminho: na busca por uma postura libertadora acaba chegando a uma postura liberal-espontaneísta. (Vasconcellos, 2000, p. 32).

Muitos professores, desejando alcançar a tão sonhada democracia no ambiente escolar, acabam deixando suas crianças livres para fazer o que quiserem em sala de aula. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, é preciso ajudar nossas crianças a fazer a passagem da *heteronomia* – que significa pessoas ou grupos que aceitam prontas as regras de conduta sem discussão, sem procurar entender as razões, os critérios, os princípios e as referências que as justificam – para a *autonomia*, entendida como a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro. (OLIVEIRA, 2011, p. 60)

Pude constatar, por meio de minhas experiências em espaços escolares, que o espaço físico da escola também é um fator que influencia na conduta dos alunos em sala de aula, como por exemplo, salas pequenas, com pouca ou nenhuma ventilação, número excessivo de alunos, cadeiras quebradas, pouca ou má iluminação, etc. Tudo isso provoca uma agitação nos alunos, levando-os a se comportarem de forma inadequada, atrapalhando o andamento das aulas.

Infelizmente, o que vemos hoje em nossas salas de aula, é uma geração de alunos agressivos, ansiosos, acomodados, desinteressados. Se antes tínhamos alunos que respeitavam o professor e as regras institucionais, hoje presenciamos uma situação muito mais complicada, onde se perderam valores fundamentais, como o respeito, a solidariedade, o amor pelo próximo. As escolas enfrentam hoje o contexto sociocultural que as circunda e influencia diretamente os alunos. (SILVA, 2011)

Segundo este mesmo autor, por mais que as aulas sejam diferenciadas – baseadas nos mais variados temas, próximos ou não da vivência imediata dos alunos, com diversidade de formas e linguagens -, não é possível inverter o cenário de desinteresse pela educação formal em que vive a maioria dos alunos. Entende-se por educação formal: atos, atitudes e atividades que levam um indivíduo, numa relação com o outro (mundo, ser humano, objeto, natureza), à cultura letrada e, de posse dela, à entrada num processo de questionamento da realidade construída a sua volta, entendendo-a; por meio desse questionamento, o indivíduo tenta construir a própria consciência, a fim de ter a possibilidade de encetar um contato autônomo, profundo e original com o mundo e consigo mesmo, visando à transformação.

a ação dos alunos não é realizar as atividades propostas pelos professores, mas manusear o celular ou qualquer outro aparelho eletrônico, durante a aula, ou conversar com os colegas sobre assuntos alheios ao discutido naquele momento, ou compartilhar com eles músicas e vídeos totalmente fora do contexto da aula. Outra atitude dos alunos que também demonstra a falta de interesse na educação formal é realizar as atividades propostas pelos professores, terminá-las rapidamente, sem o devido interesse e cuidado. (SILVA, 2011, p.20)

Esse foi um fato que pude constatar em minhas práticas escolares. Durante as aulas, os alunos se interessavam mais em realizar outras atividades, fora do contexto escolar, do que dirigir sua atenção às explicações da professora, que dava sua aula para as paredes. E quando ela chamava a atenção dos alunos, estes se irritavam com ela!

Quando falamos em indisciplina, é importante lembrar que existe uma falta de respeito pelas regras mínimas de convivência com outras pessoas tão grande, que os alunos passam a se comportar muitas vezes de forma violenta diante dos professores e demais colegas. A conduta destes alunos é fortemente influenciada pelo meio social em que vivem, pelo ambiente familiar e a mídia, que no lugar de contribuir para o crescimento pessoal, acaba por afetar de forma negativa o comportamento e o empobrecimento da cultura contemporânea. Percebe-se com esse fato que os problemas relacionados à indisciplina, não se concentram apenas no espaço territorial interno à escola, limitado pelos seus muros e paredes.

Diante dessas questões, faz-se necessário compreender qual é o verdadeiro papel da escola no que se refere à construção de atitudes e valores, e que afetam direta e indiretamente o processo de ensino e aprendizagem.

1.2. Função Social da Escola

Analisando a história da educação, quando do advento da sociedade moderna, verificamos que as funções relacionadas à Educação, até então de responsabilidade das famílias, da igreja e da comunidade, foram sendo transferidas para uma instituição

criada pela sociedade – a escola. Portanto, foi o desenvolvimento histórico da humanidade que fez surgir a necessidade de se criar e de se manter essa instituição especializada em fornecer às pessoas as informações e a preparação adequada á vida social. (GOLBA, 2009)

A escola tem o papel de cultivar valores éticos e morais, sendo responsável pela transmissão da cultura e do saber, e em preparar o aluno para o seu pleno desenvolvimento, seu preparo para o exercício da cidadania e seu futuro profissional, fazendo com que essa missão, antes limitada à família e à Igreja, fosse expandida ao ambiente educativo. Cabe à escola, por meio da prática pedagógica, fazer com que o aluno seja muito mais que um mero receptor de conhecimento, mas que ele possa compartilhar suas experiências e entrar em contato com formas diversas de aprendizagem.

Educar não é uma tarefa fácil, e essa missão se torna ainda mais delicada quando a sala de aula passa a ser um local de confronto, onde os alunos são resistentes em se adequar ás regras impostas pela escola, que vão de encontro aos valores que eles trazem do meio externo. A escola precisa reconhecer que os alunos de ontem, não são os mesmos de hoje. Os alunos se mostram desinteressados pelas aulas e conteúdos. Os professores estão desmotivados.

Neste contexto, o papel social da escola se perde, e as práticas educativas tornam-se ineficazes, não surtem efeitos. A indisciplina é gerada no momento em que os próprios alunos não estão preparados para estar ali e participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Em muitos casos, a indisciplina vai além de uma conversa paralela, ou um objeto alheio á aula. Muitos alunos chegam á escola trazendo problemas pessoais, familiares, e até mesmo com suas necessidades básicas não atendidas, por exemplo: fome, sono, falta de higiene.

A escola deve ser um instrumento de transformação social, levando o aluno a pensar criticamente e desenvolver sua autonomia. Sempre haverá conflitos no espaço escolar, e seus atores devem estar preparados para lidar com essa situação, compreendendo a diversidade social, étnica, cultural e econômica de seus alunos. À medida que a escola cobra do aluno o respeito, boas maneiras, cumprimento de normas,

ela precisa oferecer subsídios para tais práticas. Infelizmente, a escola contemporânea tornou-se palco de confrontos, prejudicando o trabalho escolar.

Se uma das funções da instituição educacional é educar os indivíduos e formar futuros adultos que devem comportar-se de maneira responsável, autônoma e democrática, é lógico que na escola articulam-se mecanismos que tornem isso possível (RODRIGUEZ, 2002, p.11)

A escola deve fomentar meios para que as regras se façam cumprir. Mas para que isso ocorra de forma justa, é necessário que os alunos estejam envolvidos nesse processo, procurando transformar a escola em um ambiente dinâmico, prazeroso, de reflexão e troca de experiências.

Os “combinados”, muito presentes no espaço de sala de aula, visam à partilha da responsabilidade pelas decisões acerca das rotinas das atividades que serão realizadas, e das regras de convivência.

Segundo os autores Davis e Luna (1991, p. 69), mais do que apenas apresentar as regras, é importante que o professor dialogue com a turma sobre as razões pelas quais aquelas regras serão estabelecidas, e as expectativas sobre como cumpri-las. Estipular, conjuntamente, as regras que pautarão a conduta a ser seguida por todos aqueles envolvidos no processo de conhecer – diretores, professores e alunos – constitui uma excelente oportunidade para se enfronhar na elaboração tanto de regras comuns como de artifícios para garanti-las, uma vez que a participação coletiva nesse processo legitima a necessidade de obedecer aos resultados alcançados.

Existe um texto curioso, datado de 1922, intitulado *Recomendações Disciplinares*, que demonstra de forma clara os ideais disciplinares daquele período.

Não ha creanças refreatorias à disciplina, mas somente alumnos ainda não disciplinados. A disciplina é factor essencial do aproveitamento dos alumnos e indispensável ao homem civilizado. Mantêm a disciplina, mais do que o rigor, a força moral do mestre e o seu cuidado em trazer constantemente as creanças interessadas em algum assumpto util.

Os alumnos se devem apresentar na escola minutos antes das 10 horas, conservando-se em ordem no corredor da entrada, para dahi descerem ao pateo onde entoarão o cantico.

Formados dois a dois dirigir-se-hão depois ás suas classes acompanhados das respectivas professoras, que exigirão delles se conservem em silencio e entrem nas salas com calma, sem deslocar as carteiras.

Deverão andar sempre sem arrastar o pés, convindo que o façam em terça, evitando assim o balançar dos braços e movimentos desordenados do corpo.

Em classe, a disciplina deverá ser severa:

- os alumnos manterão entre si silencio absoluto;*
- não poderá estar de pé mais de um alumno;*
- a distribuição do material deverá ser rápida e sem desordem;*
- não deverão ser atirados ao chão papéis ou quaesquer cousas que prejudiquem o asseio da sala;*
- sempre que se retire da sala, a turma a deixará na mais perfeita ordem*

No recreio, a disciplina é ainda necessária para que elle se torne agradável aos alumnos bem comportados:

- deverão os alumnos se entregar a palestras ou a diversões que não produzam grande alarido;*
- deverão merecer atenção especial os alumnos que se excederem em algazaras com prejuízo da tranqüilidade dos demais;*
- serão retirados do recreio ou soffrerão a pena necessária os alumnos que gritarem, fizerem correrias, damnificarem as plantas ou prejudicarem o asseio do pateo com papeis, cascas de fructas, etc.*
- deverão os alumnos no fim do recreio formar com calma sem correrias, pois que o toque de campainha é dado com antecedência necessária.*

Deverão os alumnos lavar as mãos e tomar água no pavimento em que funcionar a classe a que pertençam.

Não poderão tomar água nas mãos; a escola fornece copos aos alumnos que não trazem o de seu uso.

Deverão ter todo o cuidado para não molhar o chão, ainda mesmo juncto ás pias e talhas.

Ao findarem os trabalhos do dia, cada classe seguirá em forma e em silencio até a escada da entrada, e só descida esta, se dispersarão os alumnos. (Braune apud Moraes, 1922, pp. 9-10)

Presume-se, com este texto, que as relações escolares da época eram orientadas por meio de obediência e subordinação. O professor demonstra um caráter autoritário e os alunos tem um comportamento tão passivo, que não tem o direito de manifestar suas opiniões e vontades.

Segundo o autor Silva (2011), é de absoluta impossibilidade o clima que se instala em sala de aula, ao se exigir dos alunos um comportamento voltado para a experiência, num ritmo de atividades e de vida muitíssimo menos acelerado, calmo, concentrado, disposto a ouvir, refletir, dialogar, construir e assimilar o conhecimento, se, fora da escola, eles adquirem um comportamento acelerado, agitado, veloz, de gestos rápidos, irreflexivo e em constante mudança – mas que leva sempre ao mesmo lugar-, portanto, permeado inteiramente pelo que chamamos agora, de vivência.

Pode-se perceber, com a colocação desse autor, que a geração de hoje encontra-se em um ritmo tão acelerado, que fica difícil exigir que eles se mantenham calmos e concentrados em sala de aula, mantendo uma postura passiva, obediente, quieta. Eles têm muito a compartilhar, querem falar, argumentar, dividir com os colegas o seu dia-a-dia, saber das novas tecnologias, das novidades fora dos muros da escola.

Segundo alguns estudos realizados considerando a perspectiva dos alunos em relação a escola e sobre a indisciplina escolar, constatou-se que os alunos constroem visões sobre a escola, falam, criticam, deixam transparecer a vontade que possuem de que a escola seja melhor, que ensine mais, de um jeito mais agradável e diferente (GOLBA, 2009). Percebe-se com isso que, de acordo com a visão dos alunos sobre escola e indisciplina escolar, há uma sinalização de algo que precisa ser (re)pensado, (re)feito e (re)significado dentro de sala de aula, sobretudo na dimensão da organização das aulas e do próprio currículo.

Embora seja de suma importância que os alunos tenham disciplina e saibam se portar em sala de aula, a punição ainda é frequente nas escolas. Ela acontece de várias formas, por chantagem, castigos, advertências, suspensões, etc. Muitos professores, sem saber como lidar com um aluno indisciplinado que provoca desordem na sala, recorre a

esses meios para tentar solucionar o problema, criando um problema ainda maior. O aluno procura uma forma de expressar sua revolta, porque sente-se ameaçado, constrangido. A escola torna-se chata, desinteressante, local de conflitos, violência, desrespeito, bagunça, vandalismo.

Certa vez, realizando estágio em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do DF, a professora chamava a atenção de um aluno que insistia em atrapalhar a aula com brincadeiras e conversas paralelas. A professora não encontrou outra saída se não dar ao aluno uma advertência, que ele deveria trazer assinada no outro dia pelos pais ou responsável. O aluno começou a chorar, e permaneceu quieto pelo resto do dia.

Segundo Medeiros (2008), se faz necessário construir um projeto político-pedagógico, tendo como proposta uma educação para a vida, voltada para o respeito ao outro, para o diálogo democrático, o espírito investigativo, tornando aluno e professor pesquisadores, a partir da diversidade de saberes, criando condições para a aquisição do pensamento crítico, reflexivo no contexto social a qual estão inseridos. A missão escolar não pode se limitar apenas aos conteúdos escolares. Ela deve ir além disso, cultivando valores e trocas de experiências, dando ao aluno a oportunidade de amadurecer e conquistar sua autonomia.

É importante também lembrar da diversidade existente entre os alunos. Diferentes culturas, hábitos, nível social, crenças, valores. Este é um fator com o qual os educadores precisam se preocupar, pois os alunos vão se comportar em sala de aula de acordo com aquilo que eles acreditam ser certo, entrando em conflito com as regras que são impostas pela escola. Logo, aquele aluno que não se enquadra no “modelo” estabelecido pela escola, é discriminado. Infelizmente, muitos professores não tem sensibilidade ou habilidade para lidar com essa diversidade.

A escola é o espaço no qual se deve oferecer, a todos os cidadãos, o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento de competências, ou seja, a possibilidade de apreensão do conhecimento produzido pela humanidade e de sua utilização no exercício efetivo e contínuo da cidadania (GONÇALVES; MENDANHA, 2009, p. 8).

É preciso, por isso, que o professor repense sua prática pedagógica e busque meios de despertar o interesse dos alunos, chamar sua atenção para as atividades

desenvolvidas em sala, ressaltando a importância daquele momento para sua aprendizagem, bem como estimular um bom convívio com os outros colegas, propondo trabalhos grupais e atividades mais lúdicas, onde eles possam socializar, se conhecer melhor e possam compreender os conteúdos de forma mais dinâmica. É bom para a relação aluno-professor, aluno-aluno, e a escola torna-se um lugar mais pacífico, onde as necessidades dos alunos são atendidas, ele se sente parte daquele processo, e participa ativamente.

1.3– Indisciplina e o Processo Educativo

A indisciplina é uma das maneiras que as crianças e adolescentes têm de comunicar que algo não vai bem. Por trás de uma guerra de papel podem estar problemas psíquicos ou familiares. Ou um aviso de que o estudante não está integrado ao processo de ensino e aprendizagem (GENTILE, 2002, p.30).

O comportamento das crianças pode nos dizer muito sobre seu estado emocional. Como ela está se sentindo, suas expectativas, aflições. Um aluno disperso em sala de aula pode estar tentando expressar que algo está errado com ele, e nem sempre os professores dão a devida atenção á essas questões.

Devido a diversidade de alunos que temos hoje em nossas salas de aula, é preciso que os educadores saibam usar estratégias adequadas para lidar com o problema da indisciplina. Mais do que isso, é preciso entrar no mundo da criança, conhecer sua história de vida, criar laços com esse aluno para contribuir com seu desenvolvimento enquanto pessoa.

O processo de apropriação do conhecimento se dá nas relações reais do sujeito com o mundo. Vygotsky distingue dois tipos de conceitos: o primeiro é o cotidiano e prático, desenvolvidos nas práticas das crianças no cotidiano, nas interações sociais; o segundo é o científico, adquirido por meio do ensino, pelos processos deliberados de instrução escolar. (MOTTA, s/d)

Segundo o autor, a criança aprende interagindo com o meio. Ela constrói sua forma de ver o mundo, seus pensamentos e ideais. Na escola, ela adquire o

conhecimento por meio da transmissão do saber e é influenciada pelo ambiente escolar, onde as regras impostas pela instituição vão de encontro com suas experiências de vida, e aquilo que ela julga ser certo ou errado.

Para Vygotsky, a aprendizagem sempre inclui relações entre pessoas. A interação é um fator determinante para a aprendizagem, é por meio dela que a criança aprende e se desenvolve. O desenvolvimento é pensado como um processo, onde estão presentes a maturação do organismo, o contato com a cultura produzida pela humanidade e as relações sociais que permitem a aprendizagem. Ou seja, o desenvolvimento é um processo que se dá de dentro para fora. A partir daí, é possível dizer que entre o desenvolvimento e as possibilidades de aprendizagem há uma estreita relação, a qual é analisada segundo dois eixos. Por um lado, existe um desenvolvimento da criança no momento em que ela se encontra, tal como pode ser avaliado por meio de provas padronizadas ou não, observações, entrevistas etc. por outro lado, existe um desenvolvimento potencial, que pode ser calculado a partir daquilo que a criança é capaz de realizar com a ajuda de um adulto num certo momento, e que realizará sozinha mais tarde. (MOTTA, s/d)

Esse autor defende que o processo de apropriação do conhecimento se dá nas relações reais do sujeito com o mundo. Quando uma criança chega à escola, ela leva uma bagagem de experiências vividas por ela que serão fundamentais em seu processo educativo. A forma como a família e a escola se articulam, também pode determinar o comportamento da criança na escola. Por isso faz-se muito importante entender o universo da criança, e ter em mãos um planejamento pedagógico pautado nas questões que envolvem a realidade da própria criança, contribuindo para seu pleno desenvolvimento e aprendizado, e não se limitar apenas aos conteúdos escolares.

O aluno que não está integrado ao processo de ensino-aprendizagem passa a apresentar comportamentos que causam preocupação à escola, são manifestações que surgem na forma de agitação ou, contrária a ela, comportamentos de apatia e desinteresse. Manifestações pacíficas, quase estáticas, do silêncio e alienação às regras impostas (VASCONCELLOS, 2000)

O aluno se comporta dessa forma por não estar envolvido com o processo de ensino-aprendizagem, e como se encontra desinteressado e desmotivado, ele passa a se comportar de forma contrária a estabelecida pelo professor em sala de aula.

Certa vez, realizando estágio em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, na Escola Classe 312 Norte, conheci um aluno que me chamava a atenção por não conseguir permanecer em sua mesa, realizando as atividades propostas. Andava pela sala, estava sempre com o material escolar incompleto, apresentava um comportamento agressivo, chegava sempre atrasado e sujo. Sua atenção estava sempre voltada para objetos e atividades alheios á aula.

Um dia, comentei com a professora: - “Nossa, como esse aluno é difícil!” E ela me contou sobre todas as dificuldades enfrentadas por aquela criança em casa. Ele mora com a mãe, que é negligente em atenção e afeto, e a avó. O pai abandonou ele e a mãe.

O aluno, que mora no Paranoá, precisa pegar o ônibus bem cedo, sozinho, para chegar à escola. A professora também me contou que o aluno não toma café da manhã em casa, e precisa esperar até as 09:20 para receber a merenda em sala. O aluno é intolerante à lactose, e fica muito chateado quando o cardápio do dia é leite com biscoito.

Ao saber disso, passei a ter um olhar diferente sobre ele, compreendi melhor a razão de sua indisciplina em sala de aula, e por que ele encontra tanta dificuldade em se concentrar e realizar as atividades.

A capacidade de o professor identificar comportamentos considerados “desviantes”, advindos de fatores psicológicos ou emocionais, e que se configuram como distúrbio de atenção, é imprescindível para que ele possa tomar atitudes adequadas que ajudem a criança e minimizem o problema. Um caso de comportamento característico de distúrbio de atenção é, por exemplo, aquele em que a criança apresenta atitudes de hiperatividade que prejudicam sua capacidade de concentração e atenção. Crianças e adolescentes que apresentam problemas visuais, auditivos, rebaixamento mental, etc., também podem revelar dificuldades na sua capacidade de concentração e atenção. (OLIVEIRA, 2011, p. 55)

Se os profissionais souberem diagnosticar esses distúrbios corretamente, e realizarem um encaminhamento adequado para ajudar essas crianças, estarão evitando principalmente que o comportamento delas resulte em indisciplina, afetando negativamente o restante da turma.

Porém, não se pode generalizar, pois há crianças que talvez tenham alguma dificuldade de aprendizagem, mas precisam apenas de mais atenção e afeto do professor e principalmente da família.

De acordo com Silva (2001, p. 9), “a indisciplina nos remete para a violação de normas estabelecidas o que, em contexto escolar, impede ou dificulta o decorrer do processo de ensino-aprendizagem”. A autora defende que a disciplina se faz importante para um bom aprendizado dos alunos e para a qualidade do trabalho docente. Porém, é importante lembrar que apenas estabelecer regras não é suficiente, pois os alunos também precisam participar desse processo, e ele precisa ser no mínimo democrático, para realmente funcionar. Reforço aqui, a importância do diálogo.

Muitos professores pecam em ignorar a “leitura de mundo” dos alunos, que diz respeito à realidade concreta dos educandos e da experiência de vida deles, ou seja, além de todo o conflito que a diferença social e cultural causa na relação aluno-professor, ainda tem o agravante de dificultar o aprendizado (OLIVEIRA, 2011).

Recentemente, assisti à um filme chamado “Entre os muros da Escola”, do cineasta Laurent Cantet, em que os alunos de uma escola pública da periferia francesa, se envolvem em situações de indisciplina e violência, por estarem desmotivados, desinteressados, e também pela má formação de professores, que não sabem lidar com a situação. Exemplo disso é uma cena do filme em que os professores realizam um Conselho de Classe, onde a proposta é criar um novo método para punir alunos pelo mau comportamento: Os alunos começam com seis pontos, e vão perdendo esses pontos à medida que infringem o regulamento da escola. Dependendo da gravidade do caso, são tirados um ou dois pontos. Se o aluno perder todos os pontos, ele é encaminhado para o Conselho Disciplinar.

Percebe-se que, nesse caso, a escola está tão preocupada em punir, que acaba desvalorizando os alunos. Ela utiliza o reforço positivo e negativo, com elogios e medalhas de honra, para aqueles alunos considerados “bons”, “comportados”.

Em um certo momento, durante uma aula de Francês, o professor pediu que uma aluna da classe lesse um parágrafo do livro para a turma, mas ela se negou, alegando que não estava a fim. O professor ficou furioso com a atitude da aluna, obrigando-a a se

desculpar com ele ao fim da aula. A aluna, bastante chateada, escreveu uma carta para o professor, dizendo que não falaria mais com ele.

Esse filme tem uma importância enorme no cenário contemporâneo, pela maneira que ele revitaliza todo o drama vivido nas escolas com a questão da indisciplina. Os professores revelam sua angústia e impotência diante do completo desinteresse dos alunos, que não estão interessados com o processo de aprendizagem. Os alunos não conseguem enxergar a escola como uma contribuição para o seu crescimento e futuro profissional. Há uma grande tensão entre alunos e professores, um confronto entre a convivência de etnias e culturas diferentes.

Também é possível perceber a própria concepção dos alunos sobre o ambiente escolar, tendo em vista que, durante todo o filme, os alunos contestam o sistema educacional, e batem de frente com os professores. A escola é percebida por eles como perda de tempo.

É muito importante compreender o fenômeno da indisciplina escolar como um fator negativo no processo educativo, porém, é igualmente importante perceber a visão dos próprios alunos sobre o ambiente escolar, e a partir daí, buscar formas de melhorar a qualidade do ensino, pois a partir desse olhar mais crítico sobre essa problemática, será possível construir um ambiente escolar pautado em valores e com o propósito de se alcançar o pleno desenvolvimento dos educandos.

1.4 – Indisciplina e o Contexto Familiar

A família é a base da convivência social, é por ela que a criança dá seus primeiros passos para as relações com outras pessoas. É ela que molda sua personalidade e contribui para o seu crescimento cognitivo.

A família constitui um grupo, cuja estrutura se relaciona com a organização da personalidade do indivíduo, é o primeiro agrupamento e o que está mais próximo da unidade da personalidade e em termos de crescimento do indivíduo. Bons pais constroem um lar e mantêm-se juntos, provendo então uma relação básica de cuidados à criança e mantendo, portanto, um contexto em que cada criança encontra gradualmente a si mesma (seu self) e ao mundo, e uma relação operativa entre ela e o mundo. (JARDIM, 2006, p. 22)

Escola e família tem papéis diferentes, ou seja, o que uma família pode e tem que fazer nenhuma escola consegue substituir. Assim, em relação á família, encontramos diversos “tipos” de pais, cada um com sua visão diferente de educação. De acordo com Parolin (2009), podemos chamar de “pais autoritários”, aqueles que são atenciosos, bastante rígidos, alguns até mais controladores e também restritivos quanto ao nível de exigência de seus filhos. (LEITE, 2010, p.14)

Para compreendermos a estrutura familiar que temos hoje, é preciso voltar um pouco no tempo e perceber o tipo de educação que as famílias de antigamente tinham. Podemos dizer que na sociedade burguesa a formação familiar era ligada aos laços sanguíneos e a habitação em comum cujos membros se limitavam ao pai, mãe e filhos, sendo que o pai era o provedor do sustento, tinha contato com a vida social e o mercado de trabalho, já a mãe tinha como obrigações os cuidados domésticos e com os filhos, desta forma a esposa e filhos deviam obediência irrestrita ao seu provedor, esse modelo de formação familiar era conhecido como patriarcal e nessa época o casamento era ligado aos negócios e tido como união eterna. (CARVALHO, 2008)

Com as mudanças ocorridas na sociedade, a mulher ganhou espaço para lutar pelos seus direitos, inclusive no que diz respeito à sua introdução no mercado de trabalho. Os casamentos, antes arranjados e ligados à negócios, passaram a ser uma escolha da mulher, não mais seguindo os padrões de antigamente. Com os pais fora de casa, trabalhando as vezes o dia inteiro para sustentar a família, o convívio com os filhos passou a ser menor. Os filhos passam a maior parte do tempo envolvidos com as atividades escolares.

Isso é um ponto fundamental para essa pesquisa, pois é um dos principais fatores geradores de indisciplina, tendo em vista que com a ausência dos pais na vida dos seus filhos, estes acabam crescendo sem limites e valores, entrando em contato com o mundo exterior sem as devidas orientações, muitas vezes se envolvendo em conflitos na escola com colegas e professores, e prejudicando sua aprendizagem. Quando a escola e a família não se integram para entender o que acontece com esse aluno de perto, os papéis de cada um se perdem, e ninguém quer assumir a responsabilidade pelo desenvolvimento da criança. A escola coloca a culpa na família, e vice-versa.

No momento em que uma criança vai para a escola, ela leva muitos traumas, inseguranças, angústias, que ela adquire do ambiente familiar. O comportamento da criança no ambiente escolar é reflexo dos valores apreendidos em casa. O que vemos hoje são lares desajustados, pais que agridem suas crianças, verbalmente, fisicamente, são alcoólatras, viciados em drogas, violentos, ausentes e, como consequência, não sabem e não conseguem impor limites e oferecer uma educação de qualidade á seus filhos. É certo que, quando uma criança tem suas necessidades afetivas atendidas em casa, seu comportamento na escola torna-se positivo. Uma criança alegre, que sente-se amada e protegida, adapta-se melhor ao ambiente escolar.

É importante lembrar que o trabalho de cultivar valores e atitudes positivas, deve acontecer simultaneamente entre a escola e a família, uma colaborando com a outra para o pleno desenvolvimento da criança, através principalmente do diálogo, contribuindo para que ela reflita sobre sua conduta e sinta-se estimulada a participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem, tornando-se mais independente e responsável.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, freqüentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. (PIAGET, 1972 – 2000, p. 50 apud JARDIM, 2006, p. 15)

Enquanto as famílias tentam estimular nas crianças uma educação respaldada em valores morais, a mídia aparece para dificultar esse processo. Tanto a televisão como a Internet tem influenciado bastante na vida destas crianças e, na maioria das vezes, de forma negativa. As crianças reproduzem aquilo que vêem na televisão, através de desenhos animados que estão constantemente tratando de situações conflituosas, violência, competição, sexo, sempre há um personagem se saindo melhor que o outro.

Recentemente, circulou na Internet a seguinte reportagem: “Desenhos violentos formaram nosso caráter”, mostrando exemplos de desenhos animados extremamente violentos e que influenciam, muitas vezes, de forma negativa no comportamento de nossas crianças, que aprendem desde pequenas a reproduzir e imitar tudo o que vêem, tanto nos meios de comunicação, como Televisão e Internet, nos vídeo games, como no

ambiente familiar. Quando os pais conseguem explicar a diferença entre a realidade e a ficção, a criança entende que aquele comportamento retratado nos desenhos e jogos é inaceitável. Mas se os pais não tem essa capacidade de transmitir os reais valores e ensinar o que é certo e o que é errado, a criança não entenderá essa sutil diferença, e passará a agir de acordo com o que vê, na ausência dos pais.

Algumas pessoas acreditam que a culpa é dos pais, por permitirem que seus filhos tenham acesso a esse tipo de programação. Porém, é inviável para a maioria destes pais cuidar da educação e dos limites de seus filhos sendo que estes trabalham o dia inteiro, ou estão muito ocupados com qualquer outra coisa, e não tem a menor condição de acompanhar a rotina deles, ficando a cargo da própria escola, transmitir valores e estabelecer limites.

Devido a ausência dos pais na vida escolar destas crianças, desencadeia-se um fator que também pode influenciar muito no comportamento: a carência afetiva. Se o professor souber ouvir o aluno sobre suas dificuldades, tanto na escola quanto na sua vida particular, já estará favorecendo muito o relacionamento e o clima em sala de aula. Pude perceber em minhas práticas escolares, que crianças muito carentes emocionalmente, apresentam uma baixa auto-estima, o que prejudica seu desenvolvimento e o processo de ensino e aprendizagem. Não sentem-se confiantes, boas, inteligentes ou dignas de atenção e carinho. É nessa hora que o professor precisa saber articular formas de trabalhar valores com essas crianças, através, principalmente, do reforço positivo. É essencial ressaltar as qualidades e os esforços que a criança busca fazer, pois assim ela se sentirá motivada a melhorar, e acreditará mais nela. O reforço negativo só serve para fazê-la se sentir pior.

Não estou querendo dizer com isso que o professor deve realizar todas as vontades de seus alunos para que estes se sintam aceitos e possam ter uma conduta melhor em sala de aula. Quero frisar a importância de se impor limites, de provocar na criança uma reflexão sobre seu comportamento em sala e buscar sempre dialogar com a turma, respeitando suas opiniões e trabalhando com atividades que despertem o interesse dos mesmos.

O papel dos pais é fundamental na vida dos filhos, desde a escolha da escola até a participação junto a ela. Isso influenciará no futuro desenvolvimento social da criança,

fato que deveria levar os pais a desejarem conhecer o trabalho que é realizado pelo professor e pela escola no desenvolvimento da aprendizagem da criança e ser consciente da importância de sua participação nesse processo. (LEITE, 2010, p.12)

Muitas vezes, os pais são negligentes no seu relacionamento com seus filhos, deixando a cargo da escola cuidar da parte emocional. Outras vezes, eles agem protegendo demais seus filhos, o que também desencadeia um comportamento ruim, fazendo com que eles não se adaptem ao mundo exterior e prejudicando o desenvolvimento da sua autonomia, tão importante no processo educativo e na vida pessoal.

A interpretação psicanalítica utilizada na educação sugerindo que as dificuldades de aprendizagem estariam ligadas a problemas emocionais ou traumas vividos na infância, estaria tornando a educação dada aos filhos permissiva, pelo medo do uso do autoritarismo e com dificuldades para o estabelecimento de limites, normas ou mesmo valores individuais e coletivos (PERIN e CORDEIRO, 2002)

Muitas vezes, os pais, sem saber como agir diante da indisciplina de seus filhos, acreditam que todos os problemas serão resolvidos na escola. Com medo de perder o afeto dos filhos, passam a permitir qualquer atitude, sem perceber que esse comportamento será agravado na escola, quando o aluno precisar se adequar às regras impostas pelos professores.

Segundo o autor Cole (2004), os pais que exibem um padrão permissivo exercem um controle menos explícito sobre o comportamento de seus filhos do que os pais autoritários e com autoridade, ou porque acreditam que as crianças devem aprender como se comportar através de sua própria experiência, ou porque não se dão o trabalho de proporcionar disciplina. Dão aos seus filhos muito espaço para determinarem seus próprios horários e atividades e frequentemente os consultam sobre as políticas familiares. Não exigem os mesmos níveis de realização e comportamento maduro exigidos pelos pais autoritários e com autoridade.

Em minhas práticas escolares, pude notar que aquelas crianças que convivem em um ambiente familiar desajustado, possuem sérios problemas de comportamento, não respeitam os professores e nem os colegas, e possuem muita dificuldade em se adequar à este meio, necessitando o tempo todo de intervenção.

Quando uma criança inicia sua vida escolar, na Educação Infantil, é comum que ela leve um tempo para se adaptar com a rotina, professores e colegas. Presenciei muitos casos em que os pais sentiam muito mais medo do que as próprias crianças, o que dificultava ainda mais o processo de adaptação. Os pais, sem perceber, transmitem insegurança para a criança. Por isso, é importante que eles incentivem a sua autonomia, desde pequenos, demonstrando amor, carinho e confiança sempre!

Muitas vezes, os pais não percebem que, a maneira como educam seus filhos afetará o seu desenvolvimento e sua conduta no ambiente escolar. Uma criança que não tem o menor respeito pelos pais em casa, e faz tudo o que quer, ao chegar na escola, apresentará o mesmo comportamento e, quando essa conduta não for permitida, ele se revoltará e passará a não sentir vontade de ir á escola. Isso é bastante comum, e os pais precisam entender que a criança irá conviver em grupo, e necessita de limites, que começam primeiramente, e essencialmente, em casa.

Pude perceber, com minhas experiências escolares, que crianças de pais separados também sofrem com essa adaptação, pois geralmente os pais disputam seu afeto e atenção, e a criança precisa lidar com a dor da separação e com a parte emocional, que muitas vezes não é atendida da forma que ela precisa. Crianças criadas por avós, babás, tios, também podem ter seu desenvolvimento prejudicado, de certa forma, devido a ausência da figura principal: os pais. Como exemplo do que já vivenciei em sala de aula com crianças de dois anos, uma criança que passou o fim de semana com o pai e a madrasta, pode chegar á escola muito cansada, por não ter dormido direito longe da mãe, e isso causa uma irritação na criança, prejudicando suas atividades escolares e provocando um comportamento inadequado. Esse comportamento pode se tornar compreensível se o professor estiver á par do que ocorre no ambiente familiar dessa criança, buscando os meios adequados para resolver essa situação.

A maior dificuldade que os professores encontram hoje em sua prática pedagógica, de acordo com minhas experiências escolares, é não poder contar com a colaboração dos pais nas atividades escolares. De acordo com as observações que realizei em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do DF, os pais argumentam não conseguir acompanhar as tarefas de casa dos filhos por falta de

tempo. Muitos dizem chegar cansados em casa, devido a jornada longa de trabalho, possuem muitas obrigações ou acreditam que o filho consegue fazer sozinho.

Ao mesmo tempo, pude observar famílias que convivem em harmonia e pais que participam da vida escolar de seus filhos. Isso tem um impacto positivo na vida da criança, que passa a desenvolver a auto confiança e autonomia. Como consequência, a relação com os professores e demais colegas torna-se muito mais prazerosa, na medida em que ela tem consciência de seus atos e como se portar. Quero ressaltar aqui, a importância do diálogo, tanto em casa como na escola, para um bom convívio social e para uma aprendizagem significativa e de qualidade.

As reuniões de pais são sempre fundamentais no processo educativo, porém, muitos pais não comparecem, se ausentando deste momento tão importante na vida escolar de seus filhos. Este é o momento que escola e família tem para conversar sobre o desenvolvimento cognitivo e pessoal do aluno, de tratar questões relacionadas ao seu desempenho e comportamento, o que está funcionando e o que precisa melhorar. Quando os pais se negam a participar desse momento, eles se distanciam cada vez mais de seus filhos, sem entender o que se passa com ele, e perdendo a oportunidade de serem mais presentes e contribuírem na sua educação.

A relação família – escola é a mais conflitante, porque apesar de ambas terem como objetivo central a educação de uma criança, os papéis de cada uma devem ser diferenciadas durante esse processo. A família, de maneira generalizada, delega algumas obrigações da educação ao filho à escola e ao professor, eximindo-se do seu papel fundamental de parceira da instituição de ensino na educação da criança. Os professores, frente a essa nova obrigação, se vêm forçados a responder pelo comportamento positivo ou negativo do aluno, além de se preocupar com o programa curricular, provas, exercícios e ect. (CECON et al. 2001, s/p apud JARDIM, 2006, p.44)

Quando uma criança chega à escola, ela traz muitas demandas, que precisam ser supridas. Isso provoca um desgaste no professor, que além de transmitir os conteúdos, precisa dar atenção aos alunos indisciplinados. Por isso faz-se tão importante o trabalho conjunto entre escola e família.

Tendo como exemplo uma experiência vivenciada em uma escola particular, na Educação Infantil, com crianças de dois anos, pude notar que quando uma criança apresentava um comportamento agressivo, desrespeitoso para com o professor e

colegas, os pais eram comunicados sobre o que havia ocorrido. Aqueles pais que protegiam demasiadamente suas crianças, discordavam da posição do professor, defendendo o filho. Já os pais que tinham consciência de que seus filhos necessitam de limites e saber conviver em grupo, chamavam sua atenção, buscando ajudar a escola nesse processo, contribuindo para melhorar o comportamento daquela criança.

A liberdade nos dias atuais vem se tornando muito comum, com os pais fora de casa, deixando tudo por conta de terceiros fazem com que eles sejam donos de si mesmo, onde ninguém impõe limites, horários. Cruz (1997, p. 142) ressalta que,

Deve haver horários estabelecidos para as refeições, para dormir e acordar. Os filhos mais velhos devem obedecer os horários estipulados pelos pais para regressarem ao lar quando saírem à noite. Os pais também devem organizar horários ao longo do dia para filhos assistirem televisão, jogar games, brincar e estudar.

A questão de estabelecer horários, como bem colocou o autor, é muito importante, pois ajuda a criança a construir sua autonomia e entender que existe um momento para as obrigações e os momentos de lazer.

É importante considerarmos que a disciplina deve ser entendida como uma forma de conscientizar a criança dos seus direitos e deveres. Ser educado para ser disciplinado, ou seja, ser instruído a cumprir regras que estabelecem o bom funcionamento e garantem ordem a uma sociedade, pois a disciplina "deve ser também um objetivo educacional" (ABUD e ROMEU, 1989,p. 89; apud, GARCIA, Joe, 1999).

Alguns pais, na tentativa de corrigir o comportamento indisciplinado dos filhos, utilizam métodos que, no lugar de ensinar, traumatizam a criança, como por exemplo, por meio da agressão física. Essa é uma forma de punição bastante comum em muitas culturas no mundo inteiro. Essa atitude provoca nas crianças insegurança, dificuldades de estabelecer e manter vínculos sociais com outras pessoas. Por isso, o diálogo é sempre o melhor caminho!

A punição corporal, por parte dos pais, acontece porque eles perdem a paciência diante do comportamento do filho, e tentam solucionar o problema batendo. “Para muita gente a violência é comum para disciplinar os filhos, mas quando se resolve um problema de comportamento com um tapa, os pais estão mostrando que o meio mais rápido de resolver um problema é com “violência”, descreve a autora Marcon (s/d).

Segundo o teórico Skinner (1971), punições informam somente sobre o que não fazer, ao invés de informar sobre o que fazer. A punição, segundo o autor, não capacita para o aprendizado, bem como, não indica qual é o melhor comportamento para uma dada situação. É o maior impedimento para uma real aprendizagem. De acordo com o autor:

Por isso, o feitor usa o chicote para obrigar o escravo a prosseguir no trabalho. Trabalhando, o escravo escapa do chicote (e conseqüentemente reforça o comportamento do feitor em usar o chicote). O pai reclama do filho até que cumpra uma tarefa; ao cumpri-la, o filho escapa às reclamações (reforçando o comportamento do pai). O chantagista ameaça revelar um fato se a vítima não lhe pagar; ao pagar, a vítima afasta a ameaça (e reforça a prática). Um professor ameaça seus alunos de castigos corporais ou de reprovação, até que resolvam prestar atenção á aula; se obedecerem, estarão afastando a ameaça do castigo (e reforçam seu emprego pelo professor). De uma forma ou de outra, o controle adverso intencional é o padrão de quase todo o ajustamento social – na ética, na religião, no governo, na economia, na educação, na psicoterapia e na vida familiar. (SKINNER, 1971, PP.26-27 na ed. bras.).

A escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão (REGO, 2003). Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo (DESSEN, 2007).

As figuras parentais exercem grande influência na construção dos vínculos afetivos, da auto-estima, autoconceito e, também, constroem modelos de relações que são transferidos para outros contextos e momentos de interação social (VOLLING & ELINS, 1998).

Uma boa relação familiar entre pais e filhos é fundamental para um bom desenvolvimento da criança, fazendo com que ela aprenda a lidar com conflitos, resolver seus problemas, ser responsável, solidária e respeitar as pessoas do seu convívio escolar. Com isso, seu desempenho nas atividades também é melhor, ela se sente mais confiante e motivada.

Segundo Cole, (2004, p.440)

Os pais influenciam o desenvolvimento de seus filhos de duas maneiras complementares. Em primeiro lugar, moldam as habilidades cognitivas e as personalidades de seus filhos pelas tarefas que lhes oferecem a desempenhar, pelas maneiras como reagem a seus comportamentos particulares, pelos valores que promovem, tanto explícita quanto implicitamente, e pelos padrões de comportamento que modelam. Os pais também influenciam o desenvolvimento de seus filhos selecionando muito dos outros contextos aos quais os filhos estão expostos, incluindo os locais que eles visitam, os meios pelos quais eles se entretêm e as outras crianças com quem eles brincam.

É na relação familiar que a criança começa a se desenvolver, é onde ela recebe todo o aparato psicológico para se desenvolver no ambiente externo. Os pais “modelam” seus filhos por meio dos seus ensinamentos, pelo ambiente que oferecem para a criança.

CAPÍTULO 2 – PERCURSO METODOLÓGICO

Neste segundo capítulo, pretendeu-se buscar a metodologia adequada para auxiliar o estudo desta pesquisa, com referências bibliográficas prévias de autores, contribuindo assim, para o alcance dos objetivos pretendidos.

2.1 – Método

Para atingir seu objetivo fundamental, que é chegar à veracidade dos fatos, a ciência se vale de diferentes métodos. Segundo o autor Gil (2008), pode-se definir método como um caminho para se chegar a um fim, e é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicas adotados para se atingir o conhecimento.

As duas questões norteadoras deste estudo são: quais as concepções dos alunos sobre a escola? Quais as implicações da indisciplina no contexto escolar? Na tentativa de responder estas questões, realizou-se, segundo os procedimentos de coleta de dados, uma pesquisa de campo de caráter qualitativo. De acordo com Gil (2008), as pesquisas de campo procuram o aprofundamento das questões propostas. São mais flexíveis, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa.

2.2 – Pesquisa Qualitativa

A abordagem qualitativa justifica-se como um ponto que possibilita uma maior compreensão dos fenômenos envolvidos na pesquisa e considerando a significação que os outros dão às práticas (GONSALVES, 2001).

(...) considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Na pesquisa qualitativa, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais. (MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 268)

Ressaltando o que foi exposto pelas autoras, na pesquisa qualitativa é extremamente importante interpretar os fenômenos e atribuir á eles significados. Não se pode separar o mundo objetivo, real, da subjetividade do sujeito.

Triviños (1987) acrescenta que a pesquisa qualitativa não é vazia, mas coerente, lógica e consistente, porque tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Assim, acredita-se que a pesquisa qualitativa representa uma abordagem mais completa para compreender a significação da escola e as implicações da indisciplina no contexto escolar.

2.3 - Instrumentos

Os instrumentos são recursos empregados dentro de cada técnica com a finalidade de coletar dados. Para contribuir com essa pesquisa, foram utilizadas dois instrumentos muito utilizados em pesquisas de campo: o questionário e a observação.

De acordo com Gil (2008), pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas às pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc.

O questionário, utilizado nesta pesquisa, pautou-se na técnica da associação livre de palavras, bastante difundida em pesquisas que utilizam como suporte teórico metodológico as representações sociais, uma vez que possibilita acesso aos conteúdos, tanto nucleares, como periféricos e latentes. (ACOSTA; MARCONDES; SOUSA, s/d, p.2). No presente estudo, os alunos deveriam apresentar seis respostas, para a seguinte frase: “Para mim a ESCOLA é...”, em seguida, os alunos sinalizaram as três palavras ou frases, consideradas por eles, como as mais importantes. A utilização de questionário com questões abertas possibilita ampla liberdade de resposta, e nos leva a refletir sobre a concepção dos alunos sobre o que é a escola, um dos objetivos desta pesquisa. A íntegra do questionário encontra-se no Apêndice A.

Outro instrumento de pesquisa aplicado, para alcançar os objetivos pretendidos, foi a observação. Desde a formulação do problema, passando pela construção de objetivos, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel

imprescindível no processo de pesquisa. Segundo Gil (2008), a técnica de observação pode assumir três modalidades: “espontânea, sistemática e participante”.

No caso desta pesquisa, optou-se pela observação, tendo em vista que o pesquisador tem mais precisão dos fenômenos que envolvem a comunidade, grupo ou organização, e assim, ele é capaz de elaborar um plano de observação, que irá orientar a coleta, análise e interpretação dos resultados (GIL, 2008).

A técnica da observação foi fundamental para este trabalho, pois tornou possível investigar situações de indisciplina, e o registro dessas observações contribuiu para identificar o comportamento dos alunos no contexto de sala de aula.

2.4 – Participantes

Para a realização desta pesquisa, participaram 65 (sessenta e cinco) alunos, de duas turmas do 4º ano do ensino fundamental de escolas da rede pública do Distrito Federal, escolhidos aleatoriamente.

Destes participantes, 42 eram do gênero feminino e 23 do gênero masculino. Em relação à idade, a mínima foi de 7 anos e a máxima de 9 anos. A idade média encontrada foi de 8 anos.

Participaram ainda desta pesquisa uma turma de 4º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública do Distrito Federal, localizada na Asa Norte. A turma incluía um total de 14 alunos, sendo 5 meninas e 9 meninos, com idades entre 9 e 10 anos. Nesta turma foram realizadas observações, com autorização da direção da escola, da professora e dos pais dos alunos, onde se fez registros por meio do diário de campo, com o objetivo de investigar o comportamento dos alunos e analisar possíveis situações de indisciplina que ocorressem no ambiente escolar.

2.5 – Procedimento

Foram aplicados 65 questionários em duas turmas do 4º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública do Distrito Federal. A maioria dos alunos se

mostrou bem receptiva, contudo, mesmo os mais receptivos deram respostas curtas, porém precisas e suficientes.

A coleta dos dados foi realizada no período de 21 a 25 de novembro de 2012 em uma escola pública do Governo do Distrito Federal que participa do projeto de educação inclusiva e oferece turmas de pré-escola à 4ª série do ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino.

As observações foram realizadas no período de 25 outubro de 2012 á 05 de dezembro de 2012, em uma escola pública, localizada na Asa Norte, em uma turma do 4º ano do ensino fundamental, no turno matutino.

As observações ocorreram todos os dias da semana, num período de cinco horas, todas registradas no diário de campo, objetivando investigar as situações de indisciplina e suas implicações no contexto escolar. Para compreender a dinâmica das interações na sala de aula, apresentamos, a seguir, a caracterização da turma.

2.6 - Caracterização da Turma

A turma do 4º ano é composta por catorze alunos, sendo nove meninos e cinco meninas. As crianças têm entre nove e dez anos. Na turma, há uma criança com defasagem idade/série. Muitos destes alunos residem em bairros longe da escola, utilizando o transporte público para freqüentar as aulas. A turma inclui alunos com necessidades educacionais especiais: Pedro, Maria e Paula. Pedro possui Deficiência Intelectual e Conduta Típica, e é o mais velho da turma, com catorze anos. Maria é Deficiente Mental e também possui Deficiência Intelectual. Paula possui laudo de Dislexia e TDAH.

No geral, a turma é bem participativa, mas apresentam sérios problemas de comportamento e freqüência ás aulas, prejudicando as aulas e a si mesmos. Durante o período em que fiquei nesta escola, me dediquei a observar principalmente o comportamento dos alunos, de forma a analisar possíveis situações de indisciplina. Pude perceber que a professora perde muito tempo chamando a atenção dos alunos, devido a conversas paralelas, fora de hora, alunos entretidos com objetos e atividades alheias á

aula. A turma se relaciona bem com a professora, porém a relação entre eles é muitas vezes conflituosa, envolvendo-se em discussões e fofocas constantemente.

Pude notar que muitos alunos encontram dificuldade em seguir a rotina da sala de aula. Não se concentram nas atividades e perdem muito tempo conversando, brincando com os colegas. Esse comportamento se refletiu no desempenho desses alunos nas provas que aconteceram. Esses mesmos alunos, com problemas de disciplina, tiveram baixo rendimento, revelando o quanto a indisciplina afeta de forma negativa o processo de ensino-aprendizagem.

As respostas das questões do questionário, estão representadas nas análises dos resultados, que foram feitas por meio de categorias elaboradas de acordo com a adaptação da técnica de associação livre de palavras.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS DA PESQUISA

Neste terceiro capítulo, pretende-se apresentar a análise e os resultados da pesquisa, articulados com o referencial teórico.

Para a análise dos resultados, será utilizada a adaptação da técnica de associação livre de palavras.

Inicialmente, faremos as análises dos dados obtidos por meio do questionário de evocação livre de palavras. Em seguida, elaboraremos as análises e considerações sobre as observações realizadas para a pesquisa.

A análise dos dados sobre os questionários a respeito da frase, “Para você a Escola é...” nos fornece, primeiramente, as frequências e números de evocações, e a partir disso é feita a interpretação dos termos enunciados pelos estudantes, obtendo as suas concepções sobre a escola.

Para os estudantes do 4º ano (65 alunos), a palavra de maior evocação foi legal, evocada 30 vezes. . Outras evocações foram tidas também como importantes, segundo a percepção destes alunos, sendo elas: bonita (20 vezes), estudar (13 vezes), boa (12 vezes), aprender (10 vezes). Outras concepções evocadas pelos alunos foram alegre, amizade e muito importante.

A seguir, apresentamos o Quadro 1 sobre as concepções mais evocadas para a palavra escola.

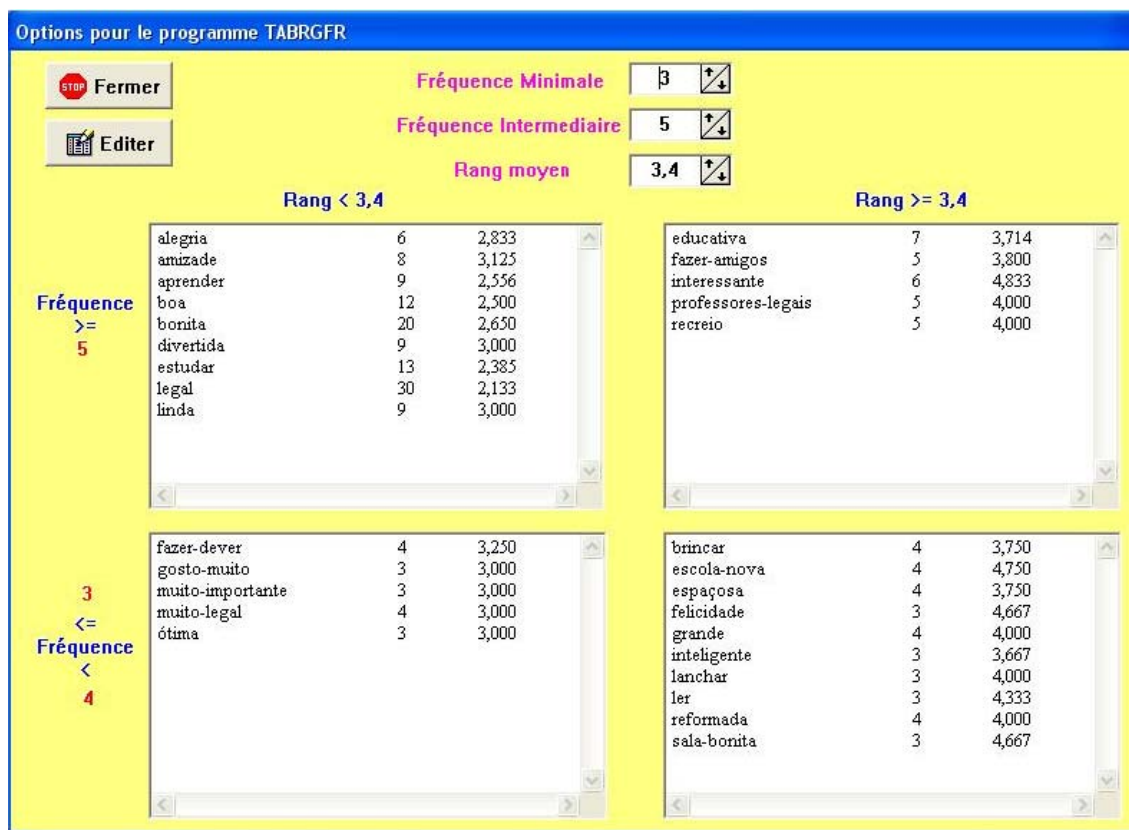


Imagem 1. Quadro de evocações dos alunos do 4º ano

Pode perceber, de acordo com o Quadro 1, que no quadrante superior esquerdo, aparecem as palavras mais importantes. *Legal* foi a palavra mais significativa para este grupo de estudantes, e com isso podemos entender que o aluno busca participar do cotidiano escolar, fazer parte daquele espaço, e nele encontra suportes que o agradam, que se enquadram em suas expectativas, por exemplo, espaços amplos, atividades recreativas, bons professores, lugar de encontrar amigos. Nota-se que o aluno, como ser humano, é um ser pensante, que formula questões e busca respostas, e ao mesmo tempo compartilha realidades por ele representadas. A escola concebida como legal, representa, possivelmente, na concepção dos alunos, um conceito de liberdade, segurança e democracia. Dessa forma, podemos compreender melhor a percepção dos alunos acerca da escola, refletir sobre seus anseios e desejos, e tentar buscar, assim, uma escola de qualidade.

Segundo Apple e Beane (1997, p.17), viver democraticamente pressupõe o livre fluxo das idéias, independente de sua popularidade, que permite às pessoas estarem tão bem informadas quanto possível; fé na capacidade individual e coletiva de as pessoas criarem condições de resolver problemas; o uso da reflexão e da análise crítica para avaliar idéias; problemas e políticas; preocupação com o bem-estar dos outros e com o “bem comum”; preocupação com a dignidade e os direitos dos indivíduos e das minorias; a compreensão de que a democracia não é tanto um ideal a ser buscado, como um conjunto de valores idealizados que devemos viver e que devem regular nossa vida enquanto povo; a organização das instituições sociais para promover e ampliar o modo de vida democrático.

Com o tempo, as crianças passam a construir essa mesma concepção de “viver democraticamente”, a partir de vivências, experiências no espaço escolar e ao conquistar sua autonomia.

A escola é vista como um lugar legal pelos estudantes, no momento em que ela reúne uma série de fatores importantes para o seu desenvolvimento enquanto pessoa, e provoca no aluno a sensação de liberdade e democracia, como já foi dito anteriormente. Precisa ser um ambiente acolhedor. Além de um lugar de aprendizagem, é também um espaço de socialização, onde os alunos tem a oportunidade de conviver em grupo, realizar diversas atividades pedagógicas e recreativas.

A segunda palavra considerada por este grupo de estudantes como a mais importante foi *bonita*. Quando o espaço físico da escola encontra-se bem conservado, atrativo, com salas arrumadas, coloridas, os alunos tendem a considerá-la como bonita. Essa palavra está mais associada com a estrutura física da escola. Percebe-se que esses alunos valorizam sua escola, e estão ligados afetivamente à ela.

A terceira palavra mais evocada pelos alunos foi *estudar*. Na concepção destes estudantes, a escola é um lugar de estudo. A escola é um espaço de socialização e aprendizado, e depois do ambiente familiar, é o local onde as crianças desenvolvem novas habilidades e compartilham valores e experiências com os professores e colegas. Segundo o Dicionário Aurélio (1986, p.687), escola significa estudo, conhecimento, saber. É um estabelecimento público ou privado onde se ministra, sistematicamente, ensino coletivo.

Em seguida, temos a palavra *boa*, na concepção dos alunos, para a definição de Escola. Nota-se que, os alunos não consideram a escola como excelente, ou ótima, demonstrando que ela ainda deixa a desejar em alguns aspectos. Porém, ela se encontra de acordo com o que eles consideram um ambiente propício para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Também podemos inferir com essa concepção, que os alunos que responderam a esse questionário, devido a sua pouca idade, ainda não possuem referências suficientes para fazer afirmações elaboradas, ou maturidade para fazer uma análise mais aprofundada. Para eles, a escola deve oferecer o mínimo de conforto e motivação, para que seja considerada um bom espaço educativo.

Duas palavras, também foram muito evocadas nos questionários, são elas: *aprender e divertida*. É interessante perceber que, ao mesmo tempo em que os alunos consideram a escola como um local de aprendizagem, também a consideram um local divertido, lúdico, que irá contribuir para o seu crescimento e na construção das relações sociais. A sociedade atual vive em constante medo, pois a violência, as desigualdades sociais, a falta de respeito, falta de amor pelo próximo, está aumentando drasticamente. Nesse contexto, a escola torna-se uma saída, para amenizar estes problemas, uma vez que as relações desenvolvidas em sala de aula podem resultar em processos de aprendizagem e conscientização coletiva entre os alunos (GONÇALVES; MENDANHA, 2009). Há uma melhora significativa na qualidade do ensino quando a escola consegue articular bem momentos de recreação com o processo de aprendizagem. Os alunos passam a sentir prazer em ir à escola.

Posteriormente, temos a palavra *amizade e alegria*, consideradas uma das mais importantes para este grupo de estudantes. A concepção de amizade é muito importante no ambiente escolar, tendo em vista que estimular a socialização é um dos papéis da escola. A troca de experiências, o contato com outras crianças, o vínculo de amizade que se constrói, auxilia no desenvolvimento da criança enquanto ser humano e, conseqüentemente, desperta o sentimento de alegria. Em minhas práticas escolares, pude notar que os alunos estavam sempre unidos, se ajudavam na escola, compartilhavam idéias, valores, contribuindo para seu amadurecimento e até mesmo sua auto-estima. A interação dos alunos no ambiente escolar é algo preponderante para uma boa aprendizagem. Segundo Lopes (2005), a socialização seria um dado fundamental na

condução do desenvolvimento, dessa forma, criaria condições para fluir o pensamento. São as interações sociais que possibilitam uma consciência no fim do desenvolvimento. A construção de vínculos no espaço escolar proporciona aos alunos vivenciar novas experiências e conhecer diferentes pontos de vista.

Neste segundo momento das análises, apresentaremos as considerações sobre as observações a respeito da indisciplina no contexto escolar.

Em primeiro lugar, observamos que o aspecto mais relevante foi a relação da professora com a turma, no sentido de que a mesma leva muito tempo para iniciar as atividades diárias, pois a turma encontrava-se diariamente muito agitada e demandava por parte da professora muita energia e tempo para acalmar os alunos. De acordo com Aquino (1996, p. 34), a relação professor-aluno é muito importante, a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta. A força da relação professor-aluno é significativa e acaba produzindo resultados variados nos indivíduos.

Portanto, o professor precisa ser capaz de refletir sobre sua própria prática e direcioná-la segundo a realidade em que se encontra, e que sua formação docente esteja voltada para as necessidades dos seus alunos, buscando novos caminhos para tornar o aprendizado algo estimulante.

Um segundo aspecto relevante, diz respeito ao perfil sócio-econômico da turma, pois dos quatorze alunos (14) que compunham a turma, 70% são oriundos de classe popular. Tal constatação fica evidenciada no fato de o lanche ser considerado um momento de vital importância para estes alunos. Os próprios alunos reivindicam o lanche de forma impaciente, perguntando à professora, a todo instante, se já está na hora do mesmo. Observamos aí outro fator dificultador da ação da professora para implementar estratégias pedagógicas que possam atrair a atenção destes alunos antes do lanche. Uma criança com fome está menos disposta a brincar, correr, inclusive aprender.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), implantado em 1955, garante, por meio da transferência de recursos financeiros, a alimentação escolar dos alunos de toda a educação básica (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos) matriculados em escolas públicas e filantrópicas.

Seu objetivo é atender as necessidades nutricionais dos alunos durante sua permanência em sala de aula, contribuindo para o crescimento, o desenvolvimento, a aprendizagem e o rendimento escolar dos estudantes, bem como promover a formação de hábitos alimentares saudáveis.

O PNAE tem caráter suplementar, como prevê o artigo 208, incisos IV e VII, da Constituição Federal, quando coloca que o dever do Estado (ou seja, das três esferas governamentais: União, estados e municípios) com a educação é efetivado mediante a garantia de "atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade" (inciso IV) e "atendimento ao educando no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde" (inciso VII). É importante perceber como a questão da alimentação escolar é imprescindível para um bom aproveitamento dos conteúdos escolares pelos alunos, e é um direito do educando assegurado pela Constituição.

O terceiro e último fator observado diz respeito aos elementos diversos introduzidos na sala de aula pelos alunos, que concorrem com o conteúdo e as atividades propostas pela professora, tais elementos são, por exemplo: celular, álbum de figurinhas, jogos eletrônicos ou brinquedos diversos que parecem exercer mais importância e atenção do que as propostas pedagógicas trazidas pela professora.

Segundo estudos realizados pelo autor Silva (2011), uma atitude muito comum dos alunos em sala de aula, que demonstra desinteresse, é terminar as atividades propostas rapidamente, sem o devido interesse e cuidado, ou desistir imediatamente, na primeira demanda pelo exercício da práxis, isto é, refletir, pensar, tentar, errar, concentrar-se, tentar novamente, e assim por diante, escalando patamares superiores do pensamento e do conhecimento. Portanto, a escola deve se tornar atrativa para este público que hoje está inserido num contexto tecnológico que permeia o universo de todas as classes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, apresento as considerações finais acerca da pesquisa realizada e as possíveis realizações dos objetivos propostos.

A realização desta pesquisa não possui pretensão de esgotar o tema abordado, visto que a questão da indisciplina escolar demanda uma atenção maior por parte das escolas, pois como já foi mencionado, esse fenômeno pode afetar negativamente a qualidade do ensino. Procuramos por meio de referenciais teóricos e da pesquisa desenvolvida, elaborar argumentos para a investigação de algumas questões referentes á indisciplina no contexto de sala de aula e, por meio das concepções dos alunos sobre a escola, buscar formas de alterar o quadro que temos hoje, de conflitos, violência, indisciplina, e constantes desentendimentos entre professor e aluno.

De acordo com os resultados da pesquisa, percebe-se que, na realidade, o comportamento dos alunos em sala de aula, não condiz com a concepção dos mesmos sobre a escola. Nas frases de alguns alunos, a escola é “uma segunda casa”, “lugar de aprender boas maneiras”, “a coisa mais importante do mundo”, “a professora é muito importante”, “a melhor coisa é estudar”. Apesar disso, o comportamento dos alunos em sala de aula demonstra um grande desinteresse e falta de motivação, a relação entre professor e aluno encontra-se desgastada e a agitação da turma impede que o professor possa desenvolver um bom trabalho com a turma.

De acordo com a análise das observações realizadas na turma de 4º ano do Ensino Fundamental, foi possível perceber que o cotidiano escolar mostra-se cada vez mais fragilizado, em consequência das ações dos estudantes e da falta de capacitação dos professores para lidar com situações de indisciplina.

Com o advento das tecnologias, os professores precisam competir pela atenção dos alunos em sala de aula, muitas vezes voltada para aparelhos eletrônicos, como celular, jogos, mp3, etc. Os conteúdos são transmitidos sem muita elaboração, e os professores, sentindo-se cada vez mais desolados, não sabem como ministrar suas aulas de forma dinâmica e atrativa para esse público tão diverso. Perde-se muito tempo controlando a agitação da turma, organizando a sala, pedindo silêncio e atenção.

O professor precisa estar preparado para entrar no mundo da criança, e estar disposto a entender o que acontece na sua vida pessoal, buscando entender o que o leva a se comportar inadequadamente, comprometendo todo o seu processo educativo, e atrapalhando, por vezes, o restante da turma. Como já mencionamos neste estudo acadêmico, são vários os fatores que podem impedir que uma criança esteja interagida com o processo de aprendizagem. O aluno pode estar passando por um momento delicado na família, problemas de baixa estima, dificuldades de aprendizagem, desmotivação, fome ou sono, cansaço, pode também estar sofrendo algum tipo de violência.

É muito importante que a família e comunidade se articulem com a escola para que o trabalho pedagógico aconteça de forma justa e democrática, a fim de contribuir para o desenvolvimento do educando e buscar formas de melhorar a qualidade do ensino.

Uma estratégia imprescindível para alcançar o efeito preventivo da indisciplina, segundo a autora Oliveira (2011), deveria ser aquela que possibilitasse uma situação na qual os professores pudessem se reunir, logo no início do ano, para discutir e encontrar consensos sobre os diversos assuntos que envolvem a escola e os alunos, bem como definir os comportamentos aceitáveis ou não destes.

Essa colaboração entre os professores permite que seja mantida a disciplina pelos alunos, e cria-se um ambiente favorável para o convívio e aprendizagem de todos, pois os alunos passam a enxergar o professor como um amigo, uma pessoa que transmite segurança e ao mesmo tempo, exige algumas regras de conduta que serão fundamentais para o desenvolvimento dos mesmos, onde eles reconhecerão a necessidade de se autodisciplinar, para garantir o bom funcionamento da escola como um todo.

PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

A alegria de poder escrever sobre minhas perspectivas de atuação profissional é imensa! Depois de formada, espero trabalhar como professora na Secretaria de Educação, pois descobri, durante o curso de Pedagogia, o quanto amo sala de aula.

Espero poder levar tudo o que aprendi para meus alunos, e poder fazer a diferença na vida de muitas crianças de séries iniciais. Não tenho sombras de dúvidas de que, a melhor sensação do mundo, é o reconhecimento das pessoas pelo seu trabalho, principalmente quando se trata de educar um ser humano, prepará-lo para a vida, e fazer parte da sua trajetória escolar. Trabalhar com crianças de séries iniciais, para mim, é um sonho que quero muito realizar!

Espero fazer um Mestrado, talvez um Doutorado, o que não quero é parar de estudar! Pretendo fazer cursos de formação, estar sempre informada sobre o que anda acontecendo na área da Educação, me esforçar para ser uma ótima profissional.

Durante minha jornada como educadora, encontrarei vários obstáculos, mas farei com que isso seja apenas uma motivação para que eu nunca desista! Tenho muito bem claro para mim, que somente através da educação, poderemos construir um mundo melhor!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Sandra Ferreira. **Trabalho docente na ótica de universitários ingressantes**. Acesso em 20 de Fevereiro de 2013, disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/posteres/GT20-3387--Int.pdf>

AQUINO, J. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. Acesso em 4 de Fevereiro de 2013, disponível em Educared Fundação Telefônica, s/d.

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, J. G. **Indisciplina: O contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2003.

ASSIS, M. C. **Metodologia do Trabalho Científico**. Acesso em 20 de Dezembro de 2012 , disponível em Núcleo de Educação a Distância da Universidade da Paraíba: http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/pub_1291081139.pdf, s/d.

BENETTE, T. S. **Indisciplina na sala de aula: algumas reflexões**. Acesso em 19 de Novembro de 2012, disponível em Secretaria de Educação do Paraná: www.diadiaeducacao.pr.gov.br, s/d.

BRITO, C. **Indisciplina Escolar: Antigo problema, novas discussões**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

CANTENT, L. (Diretor). (2008). **Entre os muros da Escola** [Filme Cinematográfico].

CARVALHO, A. **A família na atualidade**. Acesso em 2013 de Janeiro de 20, disponível em Monografias Brasil Escola: <http://meuartigo.brasescola.com/psicologia/a-familia-na-atualidade.htm>, 2008

COLE, M. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. San Diego: Artmed, 2004

D'ANTOLA, A. **Disciplina na escola: Autoridade versus Autoritarismo**. São Paulo: EPU, 1989

DESSEN, M. A., & Polônia, A. d. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Brasília: Paidéia, 2007

FERREIRA, A. B. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa** (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** (6ª ed.). São Paulo: Atlas, 2008

GONÇALVES, Á. d., & Mendanha, J. (27 de Junho de 2009). **Representações Sociais da Escola na perspectiva de pais de alguns alunos do Ensino Fundamental do DF**. Acesso em 2013 de Janeiro de 3, disponível em <http://www.slideshare.net/guestc0a037/representaes-sociais-da-escola>

IMPrensa, A. d. (15 de Abril de 2010). **Pais que batem em seus filhos podem estar criando crianças agressivas**. Acesso em 18 de Janeiro de 2013, disponível em Portal Educação: <http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/noticias/41057/pais-que-batem-em-seus-filhos-podem-estar-criando-criancas-agressivas>

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____ **Manual de Orientação para a execução do Programa Nacional de Alimentação Escolar no Estado de Goiás.** (2012). Acesso em 7 de Fevereiro de 2013, disponível em Secretaria de Estado da Educação do Goiás: <http://www.educacao.go.gov.br/documentos/merenda/Manual%20-%20Merenda%20Escolar.pdf>

OLIVEIRA, M. I. **Indisciplina escolar: determinações, consequências e ações.** Brasília: Liber Livro, 2011.

_____ **Prováveis causas em que a família influencia na indisciplina escolar.** (s.d.). Acesso em 20 de Janeiro de 2013, disponível em Monografias Brasil Escola: <http://monografias.brasilecola.com/educacao/provaveis-causas-que-familia-influencia-na-indisciplina-escolar.htm>

SANTOS, L. G., & Brito, C. d. (s.d.). **Indisciplina e violência na escola.** Acesso em 19 de Novembro de 2012, disponível em www.janehaddad.com.br/new/arquivos/Brito_indisc.pdf

SILVA, C. A. **Além dos muros da escola: as causas do desinteresse, da indisciplina e da violência dos alunos.** São Paulo: Papirus, 2011

SOUSA, A. I. **Paulo Freire: Vida e Obra** (2ª ed. ed.). São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOUSA, J. F. (6 de Abril de 2010). **O papel da família na contenção da Indisciplina Escolar na Educação Básica.** Acesso em 2013 de Janeiro de 25, disponível em Web Artigos: <http://www.webartigos.com/artigos/o-papel-da-familia-na-contencao-da-indisciplina-escolar-na-educacao-basica/35698/>

VALA, C. L. (s.d.). **Indisciplina: um diálogo entre professores e pais para estabelecer ações pedagógicas e resolver o problema da indisciplina na escola.**

Acesso em 4 de Fevereiro de 2013, disponível em Secretaria de Educação do Estado do Paraná:

http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_cleuza_luiza_santos.pdf

APÊNDICE A – Questionário sobre a concepção dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental sobre a escola

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Estamos interessados em conhecer sua opinião a respeito do tema ESCOLA. Lembramos que não existe resposta correta, apenas queremos conhecer a sua forma de pensar associada ao tema pesquisado.

Solicitamos a sua participação respondendo às seguintes questões a baixo:

- 1) Rapidamente, escreva 6 palavras ou frases que na sua opinião completam a seguinte frase:

(atenção: é extremamente importante que todas as linhas sejam preenchidas)

Para mim a ESCOLA é...

1)
2)
3)
4)
5)
6)

- 2) Agora, dentre as 6 palavras e/ou frases acima citadas, indique a seguir as que você considera como as mais importantes na sua opinião:

1ª mais importante: _____

2ª mais importante: _____

3ª mais importante: _____

- 3) Dê o significado da palavra ou frase que você apontou como sendo a mais importante e em primeiro lugar:

Dados Gerais

Data: ____/____/____
Idade: ____ anos e ____ meses Sexo: F M Série: _____

Pais / Professores

Escolaridade: _____

Curso Superior: _____
Qual? _____ 1

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

EU _____
 ____RG, _____, CPF: _____ autorizo a pesquisadora **Isabela Teobaldo**, estudante da Universidade de Brasília do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, cujo tema de pesquisa é denominado “IMPLICAÇÕES DA INDISCIPLINA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM”, sob a orientação da Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se das informações obtidas para registro, do qual meu filho participa, por meio de observações, obedecendo aos critérios da ética de pesquisa, onde **está assegurado o total anonimato**.

Declaro me ciente e concordo com o acima exposto.

_____ /_____/_____
 Assinatura do Participante Data

Caso deseje obter o resultado da pesquisa: “Implicações da Indisciplina Escolar no Processo de Ensino - Aprendizagem”, por favor, entrar em contato pelo meu e-mail a partir de abril de 2013.

Agradeço antecipadamente,
 Isabela Teobaldo